

M
i
G
r
a
A
a
n
t
e
s

ou

Tem Gente Demais
NESSA MERDA
de Barco

ou

O Salão das
Cercas e Muros

MATÉI Visniec



Copyright © Matêi Visniec
Copyright da edição brasileira © 2017 É Realizações
Título original: *Migraaaants*

Editor
Edson Manoel de Oliveira Filho
Produção editorial, capa e projeto gráfico
É Realizações Editora

Preparação de texto
Edna Adorno

Revisão de texto
Marta Almeida de Sá

Diagramação
Nine Design Gráfico | Mauricio Nisi Gonçalves

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

8110m

Visniec, Matêi, 1956-

Migraaaantes ou tem gente demais nessa merda de barco ou o salão das cercas e muros / Matêi Visniec ; tradução Luciano Loprete. - 1. ed. - São Paulo : É Realizações, 2017. 176 p. ; 21 cm. (Biblioteca teatral)

Tradução de: Migraaaants
ISBN 978-85-8033-306-0

I. Teatro - História e crítica. 2. Teatro (Literatura). I. Loprete, Luciano. II. Título.

III. Série.

IV. 43110

CDD: 792.0981
CDU: 792(81)

05/07/2017 10/07/2017

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Rua França Pinto, 498 - São Paulo SP - 04016-002
CNPJ nº 06.908.433/0001-90 - 04010 970 - Telefax: (5511) 5572 5363
www.erealizacoes.com.br - www.erealizacoes.com.br

Este livro foi impresso pela Paym Gráfica e Editora em julho de 2017. Os tipos são da Caslon e da Sabon LT e da Helvética Neue. O papel do miolo é alta alvura 90 g, e o da capa é alta alvura 250 g.

Migraaaantes

ou

Tem Gente Demais

NESSA MERDA

de Barco

ou

O Salão das

Cercas e Muros

MATÊI Visniec

TRADUÇÃO: LUCIANO LOPRETE



É Realizações
Editora

SUMÁRIO

Prefácio | 7

Nota sobre o autor | 17

Roteiros | 19

As Personagens | 25

MIGRAAANTES | 27

Cenas de Reserva | 141

No calor da hora: (i)migrantes e o futuro adiado

A DISTOPIA GLOBAL

Migraaaantes é uma peça urgente – marcada pela atualidade incontornável do tema. Na apresentação do texto, Matéi Visniec esclarece o sentido da urgência com a agudeza habitual de suas reflexões:

Essas centenas de milhões de pessoas lembram ao Ocidente que seu modelo econômico, político e cultural se globaliza mal. É um modelo que funciona somente num perímetro restrito de terra habitável, enquanto o resto do planeta assiste ao “banquete dos privilegiados” na televisão... É seguramente uma injustiça pela qual os inspiradores desse modelo, os ocidentais, devem hoje pagar a conta.¹

Paradoxalmente, o lado sombrio da globalização veio à luz do dia no fluxo incessante de corpos que, des-territorializados, vagam de fronteira em fronteira em

¹ Ver, neste livro, p. 20.

busca de condições mínimas de sobrevivência. A resposta da quase totalidade dos Estados europeus tem sido confinar esses corpos, indesejáveis e impertinentes pela sua mera presença, em autênticos campos de concentração, disfarçados de acampamentos “humanitários”. Isso para não mencionar que, do outro lado do Atlântico, o magnata tornado presidente promete construir um gigantesco muro, a fim de manter (i) migrantes mexicanos (hispano-americanos, em geral) longe dos Estados Unidos. Na Europa, mais parcimoniosos, governantes improvisam cercas improváveis, tecidas com arames farpados de triste memória.

A ironia do procedimento é tão perversa que deve ser assinalada.

Não importa o nome que se dê ao fenômeno histórico – *globalization* ou *mondialisation* –, tampouco a cronologia de sua ocorrência – se principiou com as Grandes Navegações no final do século XV ou mais propriamente com o neocolonialismo oitocentista. Em todo caso, o elemento decisivo refere-se à circulação, em escala planetária, de mercadorias, dados, tecnologias de informação, unidades monetárias, moedas, corpos e, claro, doenças.

(Não se esqueça: vírus também viajam.)

A utopia da União Europeia, materializada numa metonímia fiduciária, o euro, tem como fundamento incontornável a ideia do trânsito livre e permanente no interior desse circuito simbólico chamado civilização ocidental. Conter corpos com a brutalidade da indiferença vitimária, que termina por reduzir seres humanos à condição de matéria descartável, condena o projeto a um melancólico desfecho.

A gravidade da situação contemporânea foi anunciada pela reflexão de Aimé Césaire:

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita é uma civilização decadente.

Uma civilização que escolhe fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais é uma civilização enferma.

Uma civilização que trapaceia com seus princípios é uma civilização moribunda.

[...]

*A Europa é indefensável.*²

O *Discours sur le colonialisme* foi lançado em 1950 no auge da luta pela descolonização. No cenário distópico do século XXI, Matéi Visniec radicaliza ao máximo a intuição do poeta-pensador da Martinica: hoje, o que não se pode mais defender, mais que um continente determinado, ou uma potência isolada, é o sistema-mundo,³ ele mesmo, tal como se configurou ao longo do processo de padronização planetária, cujo auge coincide com seu colapso.

(No fundo, poderia ser diferente?)

Comédia demasiadamente humana, a globalização excluiu o Paraíso, a não ser para os *happy few* (sempre em menor número), tornando o Purgatório a única parada dessa longa jornada noite adentro. Daí a ambiguidade cruel do Coiote de (i)migrantes:

² Aimé Césaire, *Discurso sobre o Colonialismo*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978, p. 13 (grifo do autor).

³ Immanuel Wallerstein, *World-Systems Analysis: An Introduction*. Durham, North Carolina, Duke University Press, 2004.

O COIOTE: Escutem, meus irmãos... Amanhã vocês estarão pisando as terras da Europa. Vocês vão ver como são seus sonhos...⁴

Canaã às avessas, após a imprevisível travessia de desertos líquidos, chegar aos portos europeus significa permanecer ancorado no tempo vazio de um espaço cerceado por todos os lados.

(Ilha seca que desmente John Donne.)

O programa de contenção de movimentos não é inédito. Uma exposição recente no Musée du Quai Branly, *L'Afrique des Routes*, reconstruiu com primor a miríade de rotas e de deslocamentos que atravessaram o continente africano desde a emergência do *homo sapiens*; aliás, espécie nômade por excelência que migrou para todo o planeta em ondas sucessivas.

Leiamos o catálogo:

Durante milhões de anos, e até a colonização, que tinha como um de seus objetivos estabilizar esses movimentos, os povos africanos circularam.

[...]

Testemunham essa circulação a dispersão dos idiomas e os sincretismos culturais e religiosos revelados pela disseminação dos objetos.⁵

⁴ Ver, neste livro, p. 39.

⁵ Gaëlle Beaujean & Catherine Coquery-Vidrovitch, "L'Afrique de Routes, Pourquoi?". In: *L'Afrique des Routes. Histoire de la Circulation des Hommes, des Richesses et des Idées à travers le Continent Africain*. Catherine Coquery-Vidrovitch (org.). Paris, Musée du Quai Branly/Actes Sud, 2017, p. 9 (grifos dos autores).

O Ocidente [...] se globaliza mal – Visniec razão.

Mais: *O Ocidente [...] se globaliza mal* desde os primeiros passos da globalização.

O autor vai além dessa constatação necessária, projetando o dilema presente no curso da história contemporânea:

A colonização, a descolonização, a democracia, a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, o comunismo, o nazismo, o liberalismo, o ultraliberalismo, a financeirização da economia, a globalização, a revolução informática, a espetacularização da informação, a facebookização da comunicação, a googlelização do saber, a microsoftização do ser humano...⁶

Reificação soberana, que cinge a promessa de rede, solidária à noção de roteiros, à paradoxal fixidez do universo das redes sociais. O salto é arriscado, mas a experiência de pensamento que propicia é poderosa.

Passo a passo.

MUNDO DE PONTA-CABEÇA?

No malabarismo das cenas que estruturam esta peça, e que podem ter sua ordem alterada, dependendo da visão dos encenadores, e ainda cenas suprimidas ou acrescentadas (o autor imaginou seis cenas, por assim dizer,

⁶ Ver, neste livro, p. 165.

de reserva), Visniec transforma o cinismo dos governos europeus numa forma literária de grande impacto.

Isto é, neste texto, as promessas de uma globalização “feliz” são sistematicamente apresentadas pelo avesso, e isso por meio de situações que contrastam a desumanidade do tratamento dispensado aos (i)migrantes com a suavização artificiosa da linguagem que a eles se refere.

O título da peça, aliás, alude à estratégia que evoca a novilíngua da distopia de George Orwell.

Acompanhemos um diálogo que bem poderia ocorrer nos solenes salões políticos onde são tomadas decisões de vida e morte.

Literalmente.

O ASSESSOR: Que o senhor está arriscando muito pelo menos em três ou quatro pontos.

O PRESIDENTE: Quais?

O ASSESSOR: Não sei se o senhor reparou, mas a mídia nunca usa o termo “imigrante”. Nem “clandestino”.

O PRESIDENTE: Então, eles usam que termo?

O ASSESSOR: Eles usam o termo “migrante”.⁷

Sublinhe-se a força corrosiva desse diálogo socrático pelo avesso, pois, em lugar de gerar a verdade na boca do outro, aqui se trata de converter a maiêutica numa técnica de equívocos deliberados. O Assessor de Visniec é personagem de carne e osso na tragédia nossa de cada dia, encenada no palco da política reduzida à

⁷ Ver, neste livro, p. 50.

maquiagem de marqueteiros, preocupados unicamente com o resultado de eleições.

O ASSESSOR: Para ser coerente com sua visão econômica, é preciso esquecer as palavras “imigrante” e “clandestino”. “Imigrante” é alguém que vem de fora, atravessa uma fronteira e se instala num território onde é preciso respeitar os costumes, as regras e as leis locais. Em suma, ele deixa um território chamado “a casa dele” e se instala num outro lugar onde ele não está na “casa dele”, certo?

O PRESIDENTE: Sim.

O ASSESSOR: Já o “migrante” está na casa dele em qualquer lugar, no planeta inteiro. Num mundo globalizado, migra-se, desloca-se, todo mundo tem o direito de ir aonde quiser e quando quiser... E assim, o migrante fica sem a obrigação de respeitar o que quer que seja, porque ele se considera um cidadão do mundo. E é isso que a globalização pretende. Nós globalizamos a economia, liberamos a circulação de ideias, capital, mercadorias e serviços; por que, então, não reconhecer também o direito das pessoas de se deslocar livremente?⁸

Vale dizer, muda-se o vocabulário para que as relações sociais permaneçam como sempre foram. E exatamente a ilha de Lampedusa tornou-se o símbolo melancólico do fracasso da política europeia para os refugiados.

Confrontados com esse dado concreto, o que fazer? Ora, denominar *migrantes* os até então *imigrantes* e *clandestinos*! Assim, semanticamente, tornam-se sujeitos livres para ressignificar suas vidas por meio de um

⁸ Ver, neste livro, p. 51.

trânsito sem sinal fechado – e todos correndo (às vezes nadando) para pegar seu lugar no futuro. Porém, ao mesmo tempo, *fixemos* os mesmos *migrantes* em campos cercados, pois a *circulação imediata* de tal número de refugiados certamente provocaria *engarrafamentos* incontroláveis. Não é verdade que as cidades mais desenvolvidas adotaram o sistema de rodízio de automóveis para “otimizar” (palavra-chave!) o tráfico (de carros, não seja malicioso!) e diminuir a poluição? Por que não adotar critério vizinho para os *clandestinos*, isto é, *migrantes*?

Dizia que o salto é arriscado, mas a experiência de pensamento que propicia é poderosa.

Enraizados a contragosto, como se fossem plantas que falam,⁹ surpreendentes sofistas com recursos linguísticos limitados, os *migrantes* têm acesso aos mais modernos meios de comunicação: iPhones e iPads à mão, sabem que o paraíso é bem bacana – basta driblar a teia de arame farpado.

Nessa ilha de maravilhas tecnológicas, que dizer do sofisticado aparelho, de *design* delicado, cuja função é detectar a presença de refugiados pelo controle dos batimentos cardíacos?

Três atraentes vendedoras apresentam a novidade, num jogral cuja melodia deve ser encantadora:

⁹ Assim Aristóteles buscou decretar o desterro dos sofistas do território do pensamento: “[...] un tel homme, en tant qu’il est tel, est d’emblée pareil à une plante”. Barbara Cassin & Michel Nancy. *La Décision du sens. Le livre Gamma de la Métaphysique* d’Aristote, introduction, texte, traduction et commentaire. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, p. 125.

AS TRÊS JUNTAS: Quanto ao preço do nosso produto, podemos garantir que é perfeitamente acessível; e você pode pagar em duas ou três vezes, sem juros.¹⁰

Afinal, se a globalização é o *modus operandi* do mercado sem freios, por que não comercializar produtos que identificam os corpos que se movem sem função mercadológica?

Tudo se aclara: a circulação não é a finalidade da globalização, mas apenas o meio mais eficiente de acumulação, que permanecerá imobilizada em poucas mãos. Nesse horizonte, sempre mais estreito, se desenvolve um dos momentos mais intensos da peça. De novo, três jovens buscam seduzir possíveis compradores para uma alternativa tanto pragmática quanto, digamos, “estética” para a contenção dos *migrantes*:

GAROTA 2: A Europa é isso?

Projeção: cercas monstruosas na fronteira servo-húngara.

GAROTA 3: São esses os nossos valores estéticos?

GAROTA 1: É essa a imagem que estamos mostrando ao mundo?

As três juntas: Que vergonha para nossos dirigentes! E que vergonha para todos nós!

GAROTA 2: Onde está nossa criatividade?

GAROTA 1: Onde está nosso gosto pela insolência?

GAROTA 3: Mas não seja por isso!

GAROTA 1: Nossa empresa Aço e Ternura...

GAROTA 2: ...oferece um produto novo e totalmente revolucionário...

¹⁰ Ver, neste livro, p. 37.

AS TRÊS JUNTAS: ...um arame farpado mais humano.¹¹

Uma cerca viva, pois.

E, quem sabe?, num tempo não muito distante, o sistema chegaria à perfeição: uma cerca humana, milhares de migrantes, lado a lado, impedindo que outros milhares de migrantes atravessassem fronteiras; pois, ao fim e ao cabo, “o futuro deles já está condenado”.¹²

Mas não o presente – talvez.

Há ainda um gesto que, estrada menos trilhada, pode fazer toda a diferença: ler este texto; encenar esta peça.

(Expor-se à experiência de pensamento Matéi Visniec.)

João Cezar de Castro Rocha

Exilado político, expulso da Romênia durante o regime comunista de Ceausescu, Matéi Visniec é jornalista da Radio France Internationale (RFI) desde 1990. Autor prolífico de teatro, já esteve em cartaz em cerca de trinta países, dos quais Itália (Piccolo Teatro di Milano), Grã-Bretanha (Young Vic Theatre, de Londres), Polônia (Teatro Stary, da Cracóvia), Turquia (Teatro Nacional de Istambul), Suécia (Teatro Real de Estocolmo), Alemanha (Teatro Máximo Górki, de Berlim), Israel (Teatro Karov, de Tel Aviv), Estados Unidos (Open First Company, de Hollywood), Canadá (Théâtre Prospero, de Montreal), Japão (Teatro Kaze, de Tóquio)... Tornou-se um dos autores mais encenados no Festival de Avignon OFF desde 1992, com mais de quarenta criações. Em Paris, suas peças foram montadas no Teatro do Rond-Point, Studio do Champs-Élysées, Théâtre de l'Est Parisien, Ciné 13 Théâtre, Théâtre International de Langue Française, Théâtre du Guichet Montparnasse, Théâtre de l'Opprimé...

Nascido no norte da Romênia em 29 de janeiro de 1956 sob o regime comunista de Ceausescu, logo descobre um espaço de liberdade na literatura. Nutre-se de Kafka, Dostoiévski, Camus, Beckett, Ionesco, Lautréamont... Aprecia os surrealistas, os dadaístas, as narrativas fantásticas, o teatro do absurdo e do grotesco, a poesia onírica e até mesmo o teatro realista anglo-saxão; em suma, tudo menos o realismo socialista.

¹¹ Ver, neste livro, p. 56.

¹² Ver, neste livro, p. 101.

Mais tarde, residente em Bucareste para estudar filosofia, torna-se ativo na geração dos anos 1980, que nessa década causou alvoroço na paisagem poética e literária da Romênia. Ele acredita na resistência cultural e na capacidade da literatura de demolir o totalitarismo. E que sobretudo o teatro e a poesia podem denunciar a manipulação das pessoas pelas “grandes ideias”.

Antes de 1987, ele se afirma, na Romênia, com sua poesia depurada, lúcida, ácida. A partir de 1977 ele deixa a Romênia, chega à França e pede asilo político. Redige, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, uma tese sobre a resistência cultural nos países do Leste Europeu, na época comunista, e começa a escrever também peças de teatro em francês. Entre 1988 e 1989, trabalha na BBC, e a partir de 1990 na Radio France Internationale.

Depois de um primeiro sucesso no festival *Journées des Auteurs*, organizado pelo Théâtre des Célestins de Lyon, em 1991, com sua peça *Les Chevaux à la Fenêtre* [Os Cavalos na Janela], Matéi Visniec foi descoberto por várias companhias, e suas peças foram montadas em Paris, Lyon, Avignon, Marselha, Toulouse, La Rochelle, Grenoble, Nancy, Nice...

Atualmente, Matéi Visniec conta com numerosas montagens na França. Cerca de trinta peças suas escritas em francês foram editadas (*Lansman, Actes Sud-Papiers, L'Oeil du Prince, L'Harmattan, Espace d'un Instant, Crater*).

Na Romênia, depois da queda do comunismo, Matéi Visniec se tornou o dramaturgo vivo mais encenado. O Teatro Nacional de Bucareste montou suas peças *A Máquina Tchekhov* e *A História do Comunismo Contada aos Doentes Mentais*. Tem também três romances editados no país.

Eles vêm do Paquistão, Afeganistão, Somália, Eritreia, Síria, Iraque, Líbia, Mali, Marrocos, Haiti e de muitos outros lugares onde a vida já não é compatível com a ideia de futuro. Eles são milhões. Quantos milhões? Não se sabe. Chamados de “migrantes”, têm uma só coisa em mente: a vontade de chegar à Europa.

“Refugiados: a Europa se desintegra”, “Refugiados: a morte clínica da Europa”. Foi com manchetes como essas que o jornal *Le Monde*, bem como toda a imprensa europeia, analisou no fim do mês de fevereiro de 2016 o fenômeno do fluxo migratório. Grande mudança de atitude se pensarmos que em setembro de 2015, depois da morte por afogamento no Mar Egeu de um menino sírio de origem curda de cinco anos chamado Aylan, toda a imprensa saudava a generosidade com que a Alemanha – principalmente Angela Merkel – abria os braços para acolher 1 milhão de refugiados...

Em apenas cinco meses a Europa entrou em pânico. Os responsáveis políticos, e a opinião pública, entenderam que no planeta há cerca de 80 milhões de pessoas que vivem em regiões em guerra e têm o direito, em princípio, de pedir proteção internacional e, logo, asilo político na Europa. As fronteiras começaram a se fechar, o símbolo do arame farpado ressurgiu das entranhas de pesadelo da história. A Europa não sabe o que acontece

com ela, não sabe o que deve fazer, e a tentação é grande de renegar seus valores (livre circulação, direitos humanos, sociedade aberta, etc.) a fim de deter os milhões de candidatos ao exílio que estão a caminho.

Pergunta: será que o teatro pode se tornar um espaço de debate sobre esses temas?

Sim, é a minha resposta, e é por isso que abri este caneteiro, isto é, a escrita de uma peça sobre os migrantes. Como jornalista da Radio France Internationale, fico simplesmente “mergulhado” em informações e reportagens que envolvem os migrantes. Eu próprio descobri, depois de minhas viagens à Grécia, Itália, Hungria ou Grã-Bretanha, algumas “realidades”. Minha intenção é usar esse “material” para tentar entender as motivações profundas de uma grande mutação humana, cultural e geopolítica.

Estou convencido de que não se trata tanto de um “fenômeno migratório de uma amplitude sem precedentes”, mas de um tipo de “revolução do compartilhamento”. Uma gigantesca revolta passiva se esconde atrás desse movimento (motivado também pelo instinto de sobrevivência). Essas centenas de milhões de pessoas lembram ao Ocidente que seu modelo econômico, político e cultural se globaliza mal. É um modelo que funciona somente num perímetro restrito de terra habitável, enquanto o resto do planeta assiste ao “banquete dos privilegiados” na televisão... É seguramente uma injustiça pela qual os inspiradores desse modelo, os ocidentais, devem hoje pagar a conta. A revolução à qual se assiste é a da “reportagem de acesso à felicidade no mundo”.

Mas o teatro não adota nem a linguagem política nem a da sociologia ou a da pedagogia para avançar em seu

trabalho de compreensão, para estimular a reflexão e eventualmente despertar consciências.

Em minha peça, composta por meio de módulos, proponho cenas curtas e situações dramáticas (inspiradas em fatos reais) nas quais tento sugerir o grande dilema moral no qual se encontra a Europa. Mas, sobretudo, tenho vontade de captar nessa peça o lado emocional e humano que se desenvolve diante de nossos olhos, digno do antigo teatro grego, em que o homem se confronta com a força implacável do destino.

Exemplos de notícias que se tornam “material” para minha peça:

Em Munique, a prefeitura decidiu explicar as regras de convivência na piscina pública com desenhos: “Não se empurram as pessoas para dentro da água”; “O respeito é devido igualmente a todas as mulheres, seja qual for sua vestimenta, maiô, duas-peças ou biquíni”.

Mas os “guias de boa conduta”, que deveriam ajudar os refugiados, deixam entender que o fosso, às vezes, é muito grande entre as duas culturas: “Sorridir não é considerado tentativa de paquera”; “Urinar em público é infração”; Usar roupas curtas como minissaia é normal”. “Não é educado observar essas pessoas com insistência”, lê-se em um deles, o *Refugee Guide*. (*Le Figaro*, 26/1/2016.)

Num artigo publicado no *Libération* (11/2/2016), o escritor dinamarquês Carsten Jensen analisa com amargor a sorte reservada aos refugiados que chegam a seu país. O artigo tem por título “Nós, dinamarqueses, somos realmente assim?”. Aqui está um trecho:

“Neste país tão cheio de prédios vazios e instituições abandonadas, são os acampamentos que os esperam. Uma escolha deliberada das autoridades que, com as tendas, enviam uma mensagem importante aos refugiados esgotados. Vocês viajaram pelo deserto e atravessaram o Mediterrâneo, arriscando-se a afundar com as embarcações fazendo água, mas vocês não chegaram a lugar algum: andaram em círculo, e acabaram no mesmo lugar em que começaram, nos mesmos acampamentos de que fugiam. Essas tendas são seu destino. Seu futuro é a fuga. Estão condenados a emigrar perpetuamente, de uma tenda a outra. Entenderam?”.

Em 23 de janeiro de 2016, cerca de 2 mil pessoas se manifestaram em Calais para expressar solidariedade aos migrantes e exigir “condições de acolhida dignas”. Nos cartazes lia-se: “Boas-vindas aos refugiados”; “Calais, Lesbos, Lampedusa, nossas fronteiras matam!”; “Abram as fronteiras, deixem que entrem”.

Os migrantes repetiam: “Na selva, na selva”.

Em janeiro de 2016, cerca de 4 mil migrantes vindos majoritariamente da África oriental, do Oriente Médio e do Afeganistão viviam na “Selva de Calais”, considerada a maior favela da França, na esperança de chegar à Inglaterra, tida por eles como um eldorado. (Reportagem de Zoé Leroy para a Agência France-Presse.)

Declarações de Jacques Gounon, presidente do Eurotúnel, no jornal *Le Monde*, difundidas pela Agência Reuters (21/1/2016):

“Globalmente, o fluxo daqueles que tentam passar cessou. [...] Nos caminhões não se encontram mais

que dez a trinta por noite. Eles perceberam que seus esforços estão fadados ao fracasso. [...] Os que seram as grades são presos pelos guardas. Os que se escondem nos caminhões são encontrados. [...] Alguns motoristas avisam os guardas da sua presença. São encontrados também por obra dos detectores de batimentos cardíacos ou de CO₂. Em todos os casos eles são levados para a Selva de Calais. [...] Erigimos grades pelos quarenta quilômetros da periferia do túnel e inundamos alguns terrenos. [...] Isso representa várias dezenas de milhões de euros correspondentes às obras, financiados pela Grã-Bretanha”.

A cruz de Lampedusa: um crucifixo de 3,6 metros de altura e 2,75 metros de largura representa Jesus crucificado sobre remos ligados por cordas, símbolo dos barcos de migrantes. É obra do artista cubano Alexis Leiva Machado, que assina Kecho, feita com madeira de barcos de migrantes cubanos, abençoada pelo papa em 2014 por ocasião de sua visita a Havana. Essa cruz simboliza o destino trágico dos naufragos que deixaram a ilha de Cuba para os Estados Unidos. O presidente cubano Raúl Castro a ofereceu ao papa, que por sua vez a ofereceu à ilha de Lampedusa. Ela foi transportada até Roma no início de janeiro de 2016 para o Jubileu da Misericórdia.

Em fevereiro de 2016, as autoridades australianas procuravam uma família que pudesse acolher cinco órfãos sírios depois do falecimento de seu pai, combatente do grupo Estado Islâmico, e de sua mãe, nascida em Sydney.

“Para o governo australiano, trata-se de um dilema: se ele deve assistência aos filhos de seus cidadãos no exterior, ele teme, ao mesmo tempo, o retorno de menores que já tiveram muito contato com a ideologia jihadista mais radical – sem

falar da dificuldade para ajudá-los em uma zona de guerra. Khaled Sharrouf, o pai das crianças, também australiano, havia postado no Twitter, em 2014, uma foto na qual seu filho de sete anos, usando capacete de beisebol, exibia a cabeça de um soldado sírio decapitado em Raqa, cidade da Síria.” (11/2/2016, Agência France-Presse.)

“Início de novembro de 2015, sete pessoas, dentre as quais um jovem marinheiro-pescador francês, suspeitas de organizar perto de Dunquerque travessias ilegais de migrantes para a Inglaterra a bordo de uma balsa de borracha, foram colocadas sob vigilância e presas. A bordo de um barco que ostentava a bandeira belga e com capacidade máxima de 20 pessoas aproximadamente, um marinheiro-pescador francês que fazia vaivém pelo Canal da Mancha cobrava até 12 mil euros por pessoa, segundo a jurisdição inter-regional especializada de Lille.” (6/2/2016, Agência France-Presse.)

Entre 2014 e 2015, a Suécia, que conta com mais de 20% de residentes de origem estrangeira, recebeu 250 mil migrantes, mais que qualquer outro país da União Europeia por habitante. Mas o assassinato de uma educadora de 22 anos, apunhalada por um jovem migrante de 15 anos em janeiro de 2016, comoveu o país. A análise do historiador Lars Trägårdh para a Agência France-Presse:

“Obcecada pela imagem que se dá da Suécia como grande potência moral no cenário internacional, a esquerda esqueceu a narrativa nacional e, de repente, deixa um espaço aberto para os Democratas da Suécia, grupo de extrema direita com representação no Parlamento”.

Matéi Visniec

Papéis intercambiáveis
Número mínimo de atores: duas mulheres e três homens.

OS COIOTES

OS MIGRANTES

ELIHU

A MULHER

O HOMEM

AS APRESENTADORAS DO SALÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS ANTI-IMIGRAÇÃO

O HOMEM DA MALETA

O PRESIDENTE

O ASSESSOR DO POLITICAMENTE CORRETO

AS GAROTAS DO SALÃO DAS CERCAS E MUROS

ALI

FEHED

O AGENTE FUNERÁRIO

A VELHA

O TRADUTOR

A CANTORA E DANÇARINA COM VÉU

O HOMEM SORRIDENTE

AYOUB

A CAFETINA

AS PROSTITUTAS (AS GAROTAS)

+ os personagens de seis cenas de reserva (a ser compostas)

O Coiote se dirige aos espectadores.

O COIOTE: Mostrem os celulares... *(Se o público entrar no jogo, mostrará os celulares, ou iPads, iPhones.)* Pronto... Vocês se lembraram de recarregar os aparelhos? Bom... Agora, tenham bem isso em mente... Esses trequinhos aí são suas verdadeiras boias salva-vidas. São os seus anjos da guarda. São suas bússolas e chaves de entrada na Europa. Digitem um novo número no celular. Coloquem como primeiro número da lista, antes de todos os outros. Antes do número da sua mulher, da mãe, do pai, dos irmãos, primos, amigos, vizinhos... O número que eu vou dar pra vocês será, amanhã, o bem mais precioso. Nem o número de Deus, se ele tivesse celular, poderia ser útil pra vocês amanhã de manhã, mas este aqui, sim. Então, digitem... zero... zero... três... nove... zero... dois... nove... dois... sete... nove... mais um nove... e outro nove... Agora repitam... *(Ou os espectadores repetem, ou o diretor prepara uma gravação com a voz de uma centena de pessoas que repetem em coro o número.)* Então, esse número é o quê?

UM MIGRANTE: É o número de emergência da guarda costeira da Europa.

O COIOTE: Ah! Você não é tão tonto assim. É quase isso. Só que a Europa não tem número de emergência. Esse é o número de emergência da Ilha de Lampedusa. Porque amanhã de manhã vocês estarão em Lampedusa. E eu vou deixá-los a dois quilômetros da praia... Entendido? E vocês vão chamar a guarda costeira para levá-los para terra firme... E vocês vão começar uma nova vida. Ficou claro?

TODOS OS MIGRANTES: Sim, chefe.

O COIOTE: Então, vocês têm que proteger esses celulares. Agora podem desligar para economizar a bateria. Ponham os celulares no saco plástico que eu dei pra vocês pra que fiquem secos. OK? Esta noite, tudo o que vocês têm a fazer é ficar tranquilos e proteger o celular. Ele é mais precioso que as pupilas dos olhos. Se esta noite o diabo aparecer e perguntar “o que você vai me dar pra eu te deixar viver, você vai me dar o quê? Teu olho ou o celular?”, o que vocês vão responder? Hein, se o diabo vier tentar vocês, o que vão dizer?

ELIHU: Vamos dar um olho.

O COIOTE: Isso... Você é um rapaz inteligente... De onde você vem?

ELIHU: Da Eritreia.

O COIOTE: E como se chama?

ELIHU: Elihu.



Aldeia perdida em algum lugar dos Bálcãs. Ouve-se o ruído de um caminhão que para. O Homem entra, tira o boné e a capa, lava as mãos, senta-se à mesa. A Mulher lhe serve a comida.

Silêncio. O Homem mastiga em silêncio.

A MULHER: Tudo bem?

(Pausa. O Homem se serve de aguardente.)

O HOMEM: Tudo bem.

(Pausa.)

A MULHER: Passaram algumas pessoas aqui em frente.

O HOMEM: Quando?

A MULHER: Ao meio-dia.

(Pausa. O Homem come. A Mulher o serve novamente.)

O HOMEM: Quantos eram?

A MULHER: Muitos.

O HOMEM: Quantos?

A MULHER: Dezenas.

(Pausa.)

O HOMEM: Tinha mulheres também?

A MULHER: Tinha. Algumas...

O HOMEM: Bom...

Pausa.

A MULHER: Tinha também alguns negros...

O HOMEM: O que você quer dizer?

A MULHER: Que tinha também alguns negros.

O HOMEM: Africanos?

A MULHER: É.

O HOMEM: Bah...

(Pausa.)

A MULHER: Eu ainda não tinha visto nenhum negro. Nunca. *(Pausa.)* Pelo menos não aqui, entre nós. Você já tinha visto?

O HOMEM: Não. Não muitos.

A MULHER: Não, ou não muitos?

O HOMEM: O que você quer dizer?

A MULHER: Nada... *(Pausa.)* Aonde você acha que eles estão indo?

O HOMEM: Pra fronteira.

A MULHER: Pra Sérvia?

O HOMEM: É.

A MULHER: Isso é bom. *(Pausa.)* Queria saber... *(Pausa.)* Queria saber...

O HOMEM: O quê?

A MULHER: Queria saber por que Deus fez os negros.

(Pausa.)

O HOMEM: Bah... Ele sabe o que faz.

A MULHER: Sim, mas... na sua opinião?

O HOMEM: Na minha opinião o quê?

A MULHER: Na sua opinião, mesmo assim, por que Deus fez os negros?

O HOMEM: Bah... porque... é normal. Existe o dia, e existe também a noite. O verão, e também o inverno. Na vida se ri e se chora. É pela diversidade.

A MULHER: Como você é tonto, Igor!

O HOMEM: Bah. Então pergunta pra ele direto.

A MULHER: Pra quem?

O HOMEM: Pra Deus.

A MULHER: Pra mim, acho que ele quis dizer alguma coisa... com isso... pra nós.

3

Três apresentadoras com traje *sexy*, no Salão das Novas Tecnologias Anti-imigração.

APRESENTADORA 1: Senhoras e senhores, bom dia. Sejam bem-vindos ao Salão das Novas Tecnologias Anti-imigração!

APRESENTADORA 2: Hoje vamos apresentar a vocês o detector de batimentos cardíacos.

APRESENTADORA 3: O detector de batimentos cardíacos é sem dúvida mil vezes mais eficaz que o detector de temperatura humana. Porque às vezes o detector de temperatura confunde a temperatura humana com a temperatura animal, e até com a temperatura emitida por alguns produtos de fermentação.

APRESENTADORA 1: Já o detector de batimentos cardíacos é regulado apenas na frequência biológica humana e indica sem falha a presença de algum clandestino num raio de dez metros.

APRESENTADORA 2: O detector de batimentos cardíacos é ultraleve, facilmente manejável, recarregável e dobrável. Quanto ao *design*, vejam vocês mesmos... É muito parecido com um taco de golfe e, logo que o seguramos,

vemos que é agradável sensorialmente pela nobreza do material: cerâmica, aço inoxidável e mogno.

APRESENTADORA 3: No departamento das performances... Basta dar uma volta completa em seu caminhão para você se assegurar em apenas três minutos de que não há nenhum passageiro clandestino a bordo. Qualquer intruso no seu porão, sótão, garagem, quintal ou até no seu apartamento é desmascarado em menos de dois...

APRESENTADORA 2: Mas cuidado para não direcionar o detector para si mesmo, porque então são os seus próprios batimentos cardíacos que vão aparecer no mostrador... Então, não sejam desajeitados nem tolos...

AS TRÊS JUNTAS: Ha, ha, ha...

APRESENTADORA 1: Não chame a polícia ou a guarda costeira por ter direcionado mal o detector, que acabou detectando a si mesmo...

AS TRÊS JUNTAS: Ha, ha, ha...

APRESENTADORA 1: O detector de batimentos cardíacos é dotado de memória extremamente potente e de uma sensibilidade comparável à dos sismógrafos.

APRESENTADORA 2: Se dentro do seu caminhão houver, por exemplo, cinco migrantes, você verá no mostrador cinco gráficos, cada um representando a atividade elétrica de um coração.

APRESENTADORA 3: Se você tiver dez ou vinte clandestinos no caminhão, o detector indica um tipo de avalanche sísmica e o computador incorporado mostra com

uma margem de erro mínima os Algarismos correspondentes ao número de corações detectados.

APRESENTADORA 1: Vamos fazer uma experiência. *(Ela direciona o detector para o público. Ouve-se uma espécie de concerto de batimentos cardíacos.)* Pronto. O contador indica que vocês são 82 pessoas acompanhando esta demonstração... Pedimos licença para contar todos vocês um por um...

AS TRÊS JUNTAS: Um, dois, três... Bingo!

APRESENTADORA 1: Vocês são realmente 82 na sala. Obrigada, obrigada de coração por se interessarem por nosso novo produto...

APRESENTADORA 2: Vocês podem utilizar o detector também em modo de “escuta”, e para isso ele dispõe de fones de ouvido.

APRESENTADORA 3: Para mostrar a vocês até que ponto vai o desempenho deste aparelho, vamos distribuir a todos fones ligados a este único detector que já testamos em outras condições.

(Primeira demonstração sonora.)

APRESENTADORA 1: Estas são as batidas do coração de uma família afegã, doze pessoas ao todo, descobertas num caminhão em Calais.

(Segunda demonstração sonora.)

APRESENTADORA 2: Estas são as batidas do coração de um grupo de sessenta clandestinos provenientes do Paquistão, do Sri-Lanka e da Somália que chegaram

à fronteira húngara no mesmo dia em que as autoridades de Budapeste decidiram instalar arame farpado para impedir qualquer novo acesso ao seu território... Vocês percebem a profundidade da gravação?... Parece até um coro de gritos agudos, feridos mesmo...

(Terceira demonstração sonora.)

APRESENTADORA 3: Este é o mais delicado. Vocês nunca vão adivinhar o que é... São as batidas do coração de uma criança de quatro anos na hora em que o pai a faz passar por um buraco feito na cerca de arame farpado, na fronteira da Macedônia com a Sérvia... Observem a precisão absoluta do sinal: poderíamos confundir com uma bolinha de metal repercutindo nos ladrilhos...

(Quarta demonstração sonora.)

APRESENTADORA 1: Estas são as batidas do coração de um malinês que ficou detido por seis meses em Sarajevo no momento em que soube que seria expulso. Espantoso, não? Parece um tambor de guerra.

(Quinta demonstração sonora.)

APRESENTADORA 2: Aqui parece um verdadeiro *tsunami*... São quase cem corações sírios e iraquianos. O barco deles acaba de entrar em terra firme na ilha de Lesbos... Parecem fogos de artifício, não é?

(Sexta demonstração sonora.)

APRESENTADORA 3: Esta é bem menos espetacular. São as batidas do coração de alguém da Eritreia afogando-se em Calais, a dez metros do cais, depois de ter tentado chegar a nado até uma embarcação. Não foi possível fazer nada

por ele, o mar estava muito agitado, mesmo assim foram registrados seus últimos batimentos cardíacos. Só de ouvir dá para perceber que ele não sabia nadar...

AS TRÊS JUNTAS: Quanto ao preço do nosso produto, podemos garantir que é perfeitamente acessível; e você pode pagar em duas ou três vezes, sem juros.

(Música. Som de bateria ou de tam-tam.)

O Coiote que se dirige ao público.

O COIOTE: Escutem, meus irmãos... Amanhã vocês estarão pisando as terras da Europa. Vocês vão ver como são seus sonhos... Mas enquanto isso, é preciso se manter calmo... Somos cem pessoas neste barco. Então, esta noite, é preciso se comportar como se fôssemos um só homem. Ninguém vai poder ficar de pé. Entenderam? *(Pausa.)* Sim ou não?

TODOS OS MIGRANTES: Sim...

(O Coiote pega uma melancia e a corta ao meio com um só golpe de facão.)

O COIOTE: Porque se vocês entrarem em pânico haverá risco de virar o barco e afundar. Porque se vocês começarem a se agitar inutilmente, corremos o risco de balançar a qualquer momento, e aí fodeu. Podemos ser um bom jantar para os peixes. Então, pelo menos esta noite, vocês não vão se mexer... Não vai demorar... Vai ser só quinze horas, o mar está calmo e a previsão é de tempo bom... Então, durante quinze horas, não façam nada. Podem rezar, mas sem que eu ouça o mínimo murmúrio. Podem vomitar também, e pra isso usem o segundo saco plástico que eu distribuí. Vamos ver, me

mostrem o saco plástico... (*Todos os migrantes mostram o saco de vomitar.*) Aqueles que nunca viajaram por mar levantem a mão! (*O Coiote conta as mãos levantadas.*) Bom, não tem problema... Talvez vocês aprendam a nadar amanhã. Deveriam ter feito isso antes, mas é sempre assim. Vocês não serão os primeiros a aprender a nadar no próprio dia em que é preciso salvar a vida nadando... Isso se chama bobeira, mas é sempre assim. Ficaram à toa durante meses nessa praia de Trípoli esperando embarcar rumo à Europa, e não aprenderam a nadar... Tudo bem... Estão com seus coletes salva-vidas?

TODOS OS MIGRANTES: Sim...

O COIOTE: Agora, já queimaram a carteira de identidade e outros documentos? (*Pausa.*) Quem não queimou pode rasgar tudo agora e jogar na água... Entenderam bem? (*Chuva de papel rasgado sobre o palco e sobre os espectadores.*) Pronto, agora vocês são todos iguais... Vocês não têm mais identidade... São todos refugiados de guerra... Vocês são vítimas da guerra que fogem dos combates. É isso que vocês vão dizer quando pedirem a identidade de vocês... Está claro? Não digam que estavam na merda em seu país e que seus filhos morriam de fome. Esse não é motivo para pedir asilo político; se disserem isso vão mandá-los de volta imediatamente pra casa, ou seja, pra merda. Digam que é por causa da guerra que estão indo pra Europa, entendido?

TODOS OS MIGRANTES: Sim, chefe.

O COIOTE: Bom, agora vamos partir. Eu vou deixar vocês mijar e cagar mais uma vez. Depois, vão ter que segurar. A noite vai ser longa e eu não quero que sujem meu barco... Vocês estão vendo que ele está

tinindo de novo... Não quero ter que limpar xixi e cocô de ninguém quando voltar. E vejam que vocês têm sorte de estar comigo. Nunca perdi ninguém... Não sou como os outros coiotes... Eu creio em Deus, eu mesmo tenho quatro filhos pra sustentar e faço isso pra ajudar meus irmãos em dificuldade... Faço isso porque o mundo é fodido, e quero oferecer uma oportunidade a quem nasceu na parte mais fodida deste mundo fodido... Então, vamos?

TODOS OS MIGRANTES: Sim, chefe!

O COIOTE: E agora, vamos calar a boca. Só vamos ouvir o mar e o vento. Rezem pra que as ondas sejam calmas à noite. Isso pode ajudar...



O Homem da Maleta e Elihu.

O HOMEM DA MALETA: Como você se chama?

ELIHU: Elihu.

O HOMEM DA MALETA: Pega essa cadeira, Elihu. Pode sentar. Quantos anos você tem?

ELIHU: Dezoito anos.

O HOMEM DA MALETA: Você acredita em Deus, Elihu?

ELIHU: Acredito.

O HOMEM DA MALETA: Muito bem. Você é um bom rapaz. Está com sede?

ELIHU: Estou.

O HOMEM DA MALETA: Você gosta de Coca-Cola?

ELIHU: Gosto.

O HOMEM DA MALETA: Então pega esta. Você tem celular, Elihu?

ELIHU: Tenho.

O HOMEM DA MALETA: Depois você me passa o número.

ELIHU: Passo.

O HOMEM DA MALETA: Sabe, Elihu, eu não tenho muito tempo...

ELIHU: É.

O HOMEM DA MALETA: É que muita gente quer falar comigo.

ELIHU: Eu sei.

O HOMEM DA MALETA: É, está vendo. Meu tempo é contado.

ELIHU: É.

O HOMEM DA MALETA: Você sabe contar, Elihu?

ELIHU: Sei.

O HOMEM DA MALETA: Então me diga, por que Deus fez o homem com duas pernas?

ELIHU: Não sei.

O HOMEM DA MALETA: Ele poderia nos ter feito com uma perna, uma mão, uma orelha, um olho... Não é?

ELIHU: É que... é... sim.

O HOMEM DA MALETA: Mas na sua bondade Deus disse: “Não. Vou dar a Elihu duas pernas, duas mãos, dois

olhos, duas orelhas, dois pulmões, dois rins... Para que ele fique com um de reserva”. Entende?

ELIHU: Entendo.

O HOMEM DA MALETA: Deus quis nos dar uma chance.

ELIHU: Sim.

O HOMEM DA MALETA: Você já viu pessoas que vivem com uma perna só?

ELIHU: Já.

O HOMEM DA MALETA: Já viu pessoas que vivem com um olho só?

ELIHU: Não sei... já...

O HOMEM DA MALETA: Já viu gente que vive com um rim só?

ELIHU: Não sei.

O HOMEM DA MALETA: Você não sabe porque isso ninguém vê. Mas é como quando se tem uma perna só. Pode-se viver a vida toda com uma perna só, ou com um rim só. Foi Deus que quis assim. Mas com o coração, não. Ele disse: “Não será possível dar dois corações aos homens”. Com o fígado também: “Não, com o fígado também não vai funcionar”. Mas com os rins, ele pensou: “Vou dar dois para o Elihu para que ele possa ter um capital”. Você sabe o que é um capital?

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: É uma grande quantidade de dinheiro. E quem tem um capital pode se lançar na vida. Pode ter sucesso. E você, Elihu? Você quer prosperar, não quer?

ELIHU: Quero.

O HOMEM DA MALETA: Você quer ir pra onde?

ELIHU: Pra Inglaterra.

O HOMEM DA MALETA: Mas você não sabe nadar, não é Elihu?

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: E você sabe o que acontece a negros como nós que não sabem nadar e não têm capital. Entende o que eu quero dizer?

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: Então vou recapitular tudo. Olhe esta foto, Elihu. Você reconhece esta cidade?

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: Esta cidade se chama Birmingham, e fica na Inglaterra.

ELIHU: Ah!

O HOMEM DA MALETA: E veja isto. O que você vê aqui?

ELIHU: É... É uma farmácia?

O HOMEM DA MALETA: Não... É um banheiro público.

ELIHU: Ah!

O HOMEM DA MALETA: Você sabe o que é um banheiro público?

ELIHU: Sei.

O HOMEM DA MALETA: É um lugar limpo onde as pessoas civilizadas vão mijar. Olhe isto... Está vendo?

ELIHU: Estou.

O HOMEM DA MALETA: E essa mulher, aí... Sabe o que ela está fazendo?

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: Ela é caixa, recebe o dinheiro, Elihu. Nesses banheiros públicos tem que pagar pra urinar. E essa mulher que está aí, e que é muito velha, vai se aposentar... Dentro de um mês. E você poderia ficar no lugar dela, Elihu. E pra chegar até Birmingham, você poderia também pegar um avião. E pra pegar o avião, você sabe, aí você não precisaria saber nadar. Olha só: em vez de ir embora com seus irmãos até a Macedônia e depois pra Sérvia e até não sei mais onde, eu poderia pôr você num avião. Se você quiser. Você quer?

ELIHU: Quero.

O HOMEM DA MALETA: E você me paga tudo isso depois que estiver lá. Porque você está rico, Elihu. Você tem um capital.

ELIHU: Que capital?

O HOMEM DA MALETA: O capital, a fortuna que Deus te deu.

ELIHU: Que fortuna?

O HOMEM DA MALETA: Estou falando dos seus ríms, Elihu. Você tem dois, não é? Então, o segundo rim é o seu capital. Entende, agora?

ELIHU: Entendo.

O HOMEM DA MALETA: Você está com sede, ainda?

ELIHU: Estou.

O HOMEM DA MALETA: Olha, toma mais uma Coca...

(Música africana.)



O Presidente, O Assessor.

O PRESIDENTE (*ensaiando um discurso diante do Assessor*): Não podemos receber toda a miséria do mundo. Fora de cogitação. Nunca dissemos que podíamos receber todo mundo. Nosso país não pode acolher mais imigrantes. É preciso instalar um perímetro de intransigência na Europa. É preciso sistematicamente separar os refugiados de guerra dos refugiados econômicos, e mandar estes últimos de volta para o país de origem.

Fizemos uma lista de países seguros, e vamos recorrer a todos os meios para repatriar os imigrantes clandestinos que não tenham condição de conseguir o status de refugiado.

Vamos negociar com nosso aliado turco para que a triagem seja feita logo no território deles. Vamos ter também que encontrar meios para lutar mais eficientemente contra as grandes organizações criminosas que estão por trás desse tráfico de seres humanos. Os chefes dessas redes mafiosas estão em Istambul, em Trípoli, até em Beirute, é preciso dizer. São nossos inimigos do mesmo modo que os jihadistas do Daesh.

Era o que eu tinha a dizer. Chamo isso de discurso verdadeiro e urgente. Não é com um discurso

politicamente correto que vamos conseguir agir. É preciso chamar as coisas pelo nome.

(O Presidente toma um gole de água e espera a reação do Assessor, que ficou tomando notas.)

O ASSESSOR: Bom... Veja, senhor presidente... Para chamar as coisas pelo nome, como o senhor diz, não é porque o senhor deseja se livrar do seu velho lado politicamente correto que o senhor deve se tornar politicamente incorreto.

O PRESIDENTE: O que você quer dizer?

O ASSESSOR: Que o senhor está arriscando muito pelo menos em três ou quatro pontos.

O PRESIDENTE: Quais?

O ASSESSOR: Não sei se o senhor reparou, mas a mídia nunca usa o termo “imigrante”. Nem “clandestino”.

O PRESIDENTE: Então eles usam que termo?

O ASSESSOR: Eles usam o termo “migrante”.

O PRESIDENTE: E por quê?

O ASSESSOR: Para não estigmatizar.

O PRESIDENTE: Para não estigmatizar quem?

O ASSESSOR: Bah, justamente para não estigmatizar os imigrantes e os clandestinos.

O PRESIDENTE: Não entendo.

O ASSESSOR: Pense bem... Estamos em plena globalização... E essa globalização fomos nós que a quisemos. O senhor quis, a sua maioria quis, nosso país quis. E num mundo globalizado, somos todos “migrantes”, e não “imigrantes”. Está me acompanhando?

O PRESIDENTE: Não...

O ASSESSOR: Para ser coerente com sua visão econômica, é preciso esquecer as palavras “imigrante” e “clandestino”. “Imigrante” é alguém que vem de fora, atravessa uma fronteira e se instala num território onde é preciso respeitar os costumes, as regras e as leis locais. Em suma, ele deixa um território chamado “a casa dele” e se instala num outro lugar onde ele não está na “casa dele”, certo?

O PRESIDENTE: Sim.

O ASSESSOR: Já o “migrante” está na casa dele em qualquer lugar, no planeta inteiro. Num mundo globalizado, migra-se, desloca-se, todo mundo tem o direito de ir aonde quiser e quando quiser... E assim, o migrante fica sem a obrigação de respeitar o que quer que seja, porque ele se considera um cidadão do mundo. E é isso que a globalização pretende. Nós globalizamos a economia, liberamos a circulação de ideias, capital, mercadorias e serviços; por que, então, não reconhecer também o direito das pessoas de se deslocar livremente?

O PRESIDENTE: Bah... porque...

O ASSESSOR: Quero apenas mostrar essa contradição. Mas o senhor faz o que o senhor quiser.

O PRESIDENTE: Bah, justamente...

O ASSESSOR: Então, para não correr riscos, recomendo que o senhor use a palavra “migrante”.

O PRESIDENTE: Porque é politicamente correto...

O ASSESSOR: Porque é politicamente correto. Então é isso que eu proponho para as quatro primeiras frases... Percebe?

O PRESIDENTE: Sim...

O ASSESSOR: “Não podemos receber toda a miséria do mundo.” Não. Eu proponho substituir por: “Somos sensíveis a toda a miséria do mundo...”.

O PRESIDENTE: Concordo.

O ASSESSOR: A palavra “excluído” eu substituiria por um simples “sim”.

O PRESIDENTE: Concordo.

O ASSESSOR: Para “nunca dissemos que podíamos receber todo mundo”, eu proponho a frase “Nós sempre vamos manter nossas portas abertas, mas conforme nossas possibilidades”.

O PRESIDENTE: Mas é meio vago...

O ASSESSOR: Mas é irrepreensível.

O PRESIDENTE: É verdade.

O ASSESSOR: “Nosso país não pode receber mais imigrantes.” Em vez disso, proponho “Vamos sempre acolher migrantes, mas de forma controlada”.

O PRESIDENTE: Porra!

O ASSESSOR: Que foi?

O PRESIDENTE: Você é bom nisso, mesmo!

O ASSESSOR: Obrigado, senhor presidente.

O PRESIDENTE: Você deveria fazer política.

O ASSESSOR: Mas é justamente isso que eu faço, senhor presidente.

O PRESIDENTE: Ah é!

Três garotas de traje *sexy* estão pulando corda.

GAROTA 1: Olá!

GAROTA 2: Sejam bem-vindos a esta primeira edição...

As três garotas juntas – ...do Salão das Cercas e Muros!

GAROTA 1: Oferecemos uma vasta linha de modelos de cerca de arame farpado antimigrantes, confiáveis e de menor custo.

GAROTA 2: Como vocês já sabem, a época da abertura angelical das fronteiras já passou.

GAROTA 3: Agora é hora de reinstalar cercas e muros em todos os lugares.

GAROTA 1: Observem esse horror na fronteira greco-macedônia...

(Projeção: duas linhas de cerca de arame farpado com uma passagem entre as duas, onde veículos militares fazem patrulha.)

GAROTA 2: A Europa é isso?

(Projeção: cercas monstruosas na fronteira servo-húngara.)

GAROTA 3: São esses os nossos valores estéticos?

GAROTA 1: É essa a imagem que estamos mostrando ao mundo?

As três juntas: Que vergonha para nossos dirigentes!
E que vergonha para todos nós!

GAROTA 2: Onde está nossa criatividade?

GAROTA 1: Onde está nosso gosto pela insolência?

GAROTA 3: Mas não seja por isso!

GAROTA 1: Nossa empresa Aço e Ternura...

GAROTA 2: ...oferece um produto novo e totalmente revolucionário...

As três juntas: ...um arame farpado mais humano.

(Projeção.)

GAROTA 1: Com *design*!

GAROTA 2: Um farpado sorridente!

GAROTA 1: Colorido, verde, alegre e com grande apelo ecológico.

GAROTA 3: Uma vez instalado, parece uma linda parede vegetal.

(As garotas deixam as cordas com que pulavam e sobem na máquina de instalar arame farpado. O diretor pode sugerir todo tipo de gestos lascivos como os das "repcionistas" dos salões de automóvel.)

GAROTA 1: E vejam também o acessório que acompanha... A máquina de instalar cercas de arame mais rápida do mundo.

GAROTA 2: Vejam esse protótipo, que graça... Parece um hipopótamo gigante...

GAROTA 3: Velocidade de deslocamento, instalação e acabamento: 22 quilômetros por hora.

GAROTA 1: O hipopótamo passa e deixa para trás uma cerca quádrupla de arame farpado de quatro metros praticamente intransponível, e além de tudo de uma beleza admirável...

GAROTA 2: Esteticamente é tudo o que se pode imaginar de mais alegre, de mais simpático, de mais atraente. Vista de longe, pode-se dizer que é uma verdadeira renda vegetal, uma sebe de arbustos bem podada e tratada. Só quando se chega a um metro de distância é que se descobre que é uma estrutura feita de arame farpado.

GAROTA 3: Sugerimos que observem com cuidado esse aspecto de obra de arte do trabalho. Esse tipo de cerca não tem nada de mau, nada de ameaçador, nada de ideológico... Pode-se considerá-la mais como uma obra de arte ambiental, um tipo de instalação ao ar livre, digna de artistas como Christian Boltanski ou Anish Kapoor. Tem também o aspecto de arte monumental nessa maneira de implantar uma cerca de

arame. Ela embeleza a paisagem, integra-se ao meio ambiente. E se acrescentamos algumas hélices eólicas chega-se quase à perfeição...

GAROTA 1: Ela convida até a fazer um piquenique ao lado dessa folhagem cuja cor muda discretamente a cada dois ou três quilômetros...

GAROTA 2: O verde-absinto se torna verde-abacate, que se torna verde-maçã, que se torna verde-limão, que se torna verde-pistache, que se torna verde-pinheiro...

(As garotas imitam a cena do quadro O Almoço na Relva, de Édouard Manet.)

GAROTA 3: Venham, venham conosco a esse simpático almoço na relva...



O Coiote e seus auxiliares, Ali e Fehed.
Os dois estão contando os espectadores na sala.

O COIOTE: E aí?

ALI: Contei 113.

FEHED: Cento e catorze.

O COIOTE: Impossível! Contem de novo. *(Os auxiliares, equipados com facão, contam mais uma vez os espectadores. Passam pelas fileiras, tentam não pular ninguém, etc.)* E então?

ALI: De novo 113.

FEHED: De novo 114.

O COIOTE: Você me contou também?

FEHED: Contei.

O COIOTE: Mas não era pra me contar.

FEHED: Bom, então são 113.

(O Coiote avança e, dominador, para diante dos espectadores.)

O COIOTE: Bom, entenderam... Há clandestinos aqui com a gente. (Pausa. O Coiote brinca com o facão, lustra-o, etc.) Escutem bem. Estou só fazendo o meu trabalho. Não tenho nada contra ninguém, não odeio ninguém, acredito em Deus. Mas não gosto que tirem uma com a minha cara. (Pausa. Ele passa entre os espectadores.) Estou sendo claro? (Silêncio.) Fehed...

FEHED: Sim.

O COIOTE: Você acha que eu estou sendo claro?

FEHED: Está, chefe.

O COIOTE: Ali.

ALI: Sim.

O COIOTE: Você acha que todos estão me entendendo?

ALI: Sim, chefe.

O COIOTE: Então, tem treze pessoas que não deveriam estar aqui. Estão entendendo? Treze pessoas que entraram no meio do grupo sem pagar... Falei claro? (Silêncio.) Por que ninguém diz nada? Fehed? Ali?

ALI: Eles têm medo, chefe.

FEHED: Eles estão vendo que erraram feio, chefe.

O COIOTE: Diga a eles que quem pagou não precisa ter medo. (Ali repete a frase em árabe, e Fehed em outra

língua, tigrínia, por exemplo, falada na Eritreia. Para Ali:) – Falou pra eles?

ALI: Sim, chefe.

O COIOTE: Você falou também?

FEHED: Sim, chefe.

O COIOTE: Quem pagou levanta a mão! (Ele observa a sala.) Conte, Ali. Conte, Fehed. Quantos levantaram a mão?

(Ali e Fehed contam mais uma vez os espectadores.)

ALI: Cento e treze.

FEHED: Cento e treze.

(O Coiote pega uma melancia e corta em duas com um só golpe de facão.)

O COIOTE: Nada bom, isso. Não é normal. Escutem bem: assim vamos correr o risco de afundar. Estão entendendo? Não pode ter mais que cem pessoas neste barco. Tão sacando, seus tarados? Tem gente demais nesta merda de barco, e vamos todos morrer por causa de treze bostas de babacas que se enfiaram aqui escondidos. Fehed, Ali, digam que todos eles vão morrer. (Ali repete a frase em árabe, Fehed no dialeto da Eritreia.) E então?

ALI: E então nada, chefe. Não sei o que fazer.

FEHED: Estão todos com medo e rezando.

O COIOTE: Rezando...

ALI: Sim, chefe.

O COIOTE: Que todos os que subiram escondidos fiquem de pé!

(Pausa. Ninguém se mexe.)

FEHED: Todos os que subiram aqui escondidos fiquem de pé!

ALI: Já!

(Pausa. Ninguém se mexe. Ali repete a frase em árabe, e Fehed no dialeto tigrínia da Eritreia.)

O COIOTE: Escutem aqui. Rezar não adianta nada... Deus pode fazer um monte de coisas, menos fazer o motor rodar. Não podemos continuar assim porque, justamente, a gente não dá partida e o motor acaba afogando. Deus não é mecânico, entendem? Deus não é mecânico nem tanque de gasolina. E a nossa gasolina vai acabar antes da hora porque o barco está muito pesado. Então, treze pessoas devem sair deste barco. E não é porque vocês não pagaram. E mesmo se quiserem pagar agora, já é tarde demais. Agora o seu dinheiro não vale nada. Mesmo se você estiver com os bolsos cheios e quiser pagar três ou quatro vezes mais, não posso aceitar. O barco está pesado demais. Ponto final. Portanto, quem não pagou que encha o seu colete salva-vidas agora e pule no mar. *(Pausa. Ali e Fehed trazem treze coletes salva-vidas e passam entre os espectadores.)* Fehed, fala pra esses idiotas que subiram escondidos que eles cometeram um grande pecado... Deus não vai perdoar isso. Neste barco tem famílias, crianças, gente que trabalhou a vida inteira pra ir pra Europa. Não é justo colocar essas vidas em perigo.

Desde que eu comecei a trabalhar nisso, nunca perdi ninguém, nenhum homem, nenhuma criança. Eu não sou como os outros coiotes... Sou alguém que respeita a palavra dada. E eu avisei todo mundo desde o início: os clandestinos vão se ver com o mar. Diz isso pra eles Fehed. *(Fehed diz algo, mas é muito mais breve em árabe ou em outra língua difícil de identificar.)* Fehed, será que você sabe pra quem tem que dar um colete salva-vidas?

FEHED: Acho que sim, chefe.

O COIOTE: Bom, então começa a distribuir esses coletes.

(Bruscamente, ouvem-se choros terríveis de treze homens e mulheres. Fehed passa entre os espectadores e distribui alguns coletes.)

ALI: Parem de chorar... Merda...

FEHED: Parem de chorar, não adianta nada, vocês vão deixar o homem ainda mais irritado... Parem de chorar, tô falando.

ALI: Tinham que ter chorado antes...

FEHED: Pega esse colete e vista... assim não... a cabeça primeiro... Isso, meu irmão, entendeu, né?

O COIOTE: Desculpem, amigos... Com esses coletes, vocês podem aguentar até 24 horas... Vocês vão ter todo esse tempo pra rezar... Pronto. Pulem ou vou ter que empurrar todos vocês!

Cemitério recentemente criado numa ilha grega.
Uma velha, o Agente Funerário, o Tradutor.
A Velha perambula entre os túmulos e tenta ler as
inscrições sobre as placas.

O FUNERÁRIO: O que ela está procurando exatamente?

O TRADUTOR: Ela procura o filho, a nora e os dois netos. (*A Velha faz uma pergunta em árabe para o Tradutor.*) Ela está perguntando se foi você que enterrou essas pessoas.

O FUNERÁRIO: Fui eu.

O TRADUTOR: E todos morreram afogados?

O FUNERÁRIO: Sim.

O TRADUTOR: Você reparou numa família de quatro pessoas?

O FUNERÁRIO: Bom... o mar faz como quer... Talvez eles tenham morrido todos juntos, no mesmo dia, ou na mesma noite, mas o mar devolve os corpos fora de ordem... (*O Tradutor troca algumas frases em árabe com a Velha.*) O mar é assim... Primeiro ele engole as pessoas... E alguns corpos descem primeiro até o fundo,

como se fossem mais pesados que os outros. Ninguém sabe por quê. Deve ter alguma alquimia nisso... Ou talvez sejam as leis da física... Enfim, eu não sei nada. Tudo o que sei é que às vezes alguns voltam pra superfície um ou dois meses depois... Nem digo em que estado eles voltam... Mas não conte tudo isso pra ela...

O TRADUTOR: Não. Não estou contando.

O FUNERÁRIO: Quando um corpo fica no mar durante dias e dias, ele fica escorregadio como sabão... E quando se tenta puxar, a pele sai toda em tiras... É horrível de ver. E tudo isso recai sobre mim. Sou a única funerária desta ilha.

(Conversa em árabe entre o Tradutor e a Velha.)

O TRADUTOR: Ela quer saber se você sabe como se enterram os muçulmanos...

O FUNERÁRIO: Bah, não sei muita coisa. Quando entero alguém nem sei se é um muçulmano ou um cristão. De qualquer modo, eles nunca estão com os documentos de identidade... Como o filho dela se chamava?

(O Tradutor pergunta para a Velha.)

O TRADUTOR: Ele se chamava Mehdi.

O FUNERÁRIO: Não me lembra ninguém... Desculpe... Se eu pudesse ajudar... De onde ela vem essa avozinha?

O TRADUTOR: Ela vem da Turquia, mas é síria.

O FUNERÁRIO: Se você soubesse como me corta o coração quando faço esse trabalho... Logo que meu celular

toca, já sei que em algum lugar da ilha foi encontrado um cadáver. Então pego minha velha camionete e vou pra esse lugar... No começo, enterrávamos os afogados ao lado do nosso cemitério... Mas depois abriram este aqui... Um dia não terá mais lugar para enterrar os estrangeiros. Nossa ilha é tão pequena...

(A Velha fala com o Tradutor.)

O TRADUTOR: Ela pergunta se você sabe que é preciso orientar os túmulos em direção a Meca.

O FUNERÁRIO: Sabe que o meu maior problema é encontrar os sacos plásticos... Nunca tenho o suficiente para todos os cadáveres, e às vezes tenho que reutilizar alguns... A União Europeia não faz nada pelos mortos. Os vivos ficam aqui dois ou três dias e depois vão pra Atenas, Áustria, Alemanha... Mas nós, nesta ilha, ficamos aqui com os mortos. Eu acho que seria bom dividir um pouco essa carga... Cada um deveria assumir uma cota de afogados. Não é justo que metade dos afogados no Mediterrâneo sejam enterrados aqui... Mas não diz essas coisas pra ela. É uma pena que eu não possa ajudá-la... Sabe, acho que aí, embaixo da terra, os mortos ficam na posição que as religiões deles exigem... com a cabeça pra Meca, pra Jerusalém ou pra Roma... Pra mim eles se arrumam sozinhos. Que idade tinham os netos dela?

(Diálogo entre o Tradutor e a Velha.)

O TRADUTOR: O menino tinha quatro anos, e a menina oito.

O FUNERÁRIO: Puxa. Difícil dizer... Enterrei umas cinquenta crianças aqui. Uma vez, teve treze crianças mortas num dia só. Estavam todas com coletes salva-vidas, mas

eram falsos, improvisados pelos coiotes desonestos... Posso até mostrar esses coletes, tem uma montanha deles, todos iguais... Mas venha comigo, melhor eu mostrar isso aqui... *(O Funerário abre as portas de um armário de madeira onde, em várias prateleiras, estão guardadas centenas de brinquedos.)* Se por acaso ela reconhecer alguma coisa... Os brinquedos, às vezes, chegam até a praia antes dos corpos. É essa a minha coleção de bonecas e bichos de pelúcia... *(Como que hipnotizada, a Velha se aproxima dos brinquedos.)* Deixe ela olhar com calma...

(O Tradutor tira do bolso um maço de cigarros, oferece um cigarro ao Funerário. Os dois começam a fumar.)

O TRADUTOR: Dia bonito hoje... E quase não tem vento...

O FUNERÁRIO: E isso é raro na nossa ilha... Em dias assim eu nem me preocupo... As travessias são tranquilas. Nos dias de mar grosso é que tem problemas. Os coiotes fazem promoção quando o tempo está ruim, e aí tem mais mortos...

(Pausa.)

O TRADUTOR: E esses números e letras nas placas? O que são?

O FUNERÁRIO: É o código de DNA de cada afogado... Como ninguém nunca está com os documentos, é feita uma coleta de DNA que fica marcada no túmulo. Assim, se um dia as famílias vierem procurar seus mortos, têm alguma chance de encontrá-los... Pode dizer isso pra ela...

(A Velha volta apertando um bichinho de pelúcia contra o peito.)

O Homem da Maleta, Elihu.

O HOMEM DA MALETA: Como vai, Elihu?

ELIHU: Tudo bem.

O HOMEM DA MALETA: Tá gostando da Europa?

ELIHU: Bah, tô.

O HOMEM DA MALETA: Me disseram que você teve medo no avião, é verdade?

ELIHU: É.

O HOMEM DA MALETA: Mas você já é um rapaz crescido... Por que você começou a chorar no avião?

ELIHU: Bah, porque sim...

O HOMEM DA MALETA: Você quase estragou tudo, garoto...

ELIHU: Desculpe, chefe...

O HOMEM DA MALETA: Você fala um pouco de inglês?

ELIHU: Falo.

O HOMEM DA MALETA: Como se diz “eu tive sorte”?

ELIHU: “*I was lucky*”.

O HOMEM DA MALETA: Beleza! Tá vendo? Agora você fala inglês.

ELIHU: Yes.

O HOMEM DA MALETA: E como se diz “eu estou feliz”?

ELIHU: “*I am happy*”.

O HOMEM DA MALETA: Isso! Tenho orgulho de você, Elihu... Só que você não está feliz de verdade, não é?

ELIHU: Bah, sei lá.

O HOMEM DA MALETA: Não. Você não está feliz porque está com saudades da sua família... Você já mandou o dinheiro pra eles?

ELIHU: Já.

O HOMEM DA MALETA: Quanto?

ELIHU: Trezentas libras...

O HOMEM DA MALETA: Trezentas libras? Só isso? Foi tudo que você pôde economizar em seis meses?

ELIHU: É que... foi...

O HOMEM DA MALETA: É pouco, Elihu... É muito pouco... Assim você nunca vai poder trazer sua irmã, seus

irmãos, nem sua mãe... Mesmo trabalhando dia e noite, Elihu, você não vai conseguir pagar a travessia de lá... quero dizer, uma travessia sem riscos... Este país não é na verdade um paraíso para os meninos negros como você... Você trampa, trampa, trampa, mas não te pagam quase nada... Você fez amizade aqui, Elihu?

ELIHU: Fiz...

O HOMEM DA MALETA: Na mesquita?

ELIHU: Foi.

O HOMEM DA MALETA: Bom, toma cuidado, menino... Aqui primeiro é dos iguais a você que é preciso desconfiar... Mas vai ser melhor se você trouxer teus irmãos. Juntos vocês vão poder se ajudar uns aos outros... Vocês vão conseguir... E você pode fazer isso, Elihu... Você pode ter todos eles aqui com você em três ou quatro meses... Só depende de você...

ELIHU: Mas como?

O HOMEM DA MALETA: Você quer que eu explique como fazer?

ELIHU: Sim, chefe.

O HOMEM DA MALETA: Bem, é de novo Deus que vai te ajudar... Deus e mais ninguém... Porque Deus é grande e em sua bondade ele já ajudou você uma vez... E se você for esperto, ele vai ajudar de novo... Mas você quer mesmo que ele ajude de novo?

ELIHU: Quero...

O HOMEM DA MALETA: Tem certeza, Elihu?

ELIHU: Tenho, tenho.

O HOMEM DA MALETA: E quer que eu explique como?

ELIHU: Quero, chefe...

O HOMEM DA MALETA: Levante os braços, Elihu... e diga pra mim, quantos braços você tem?

ELIHU: Dois...

O HOMEM DA MALETA: Mexa suas pernas, Elihu... ou melhor, pule, pule como se estivesse jogando basquete... Quantas pernas você tem?

ELIHU: Duas...

O HOMEM DA MALETA: Bem, está vendo... Deus te deu duas mãos, duas pernas, duas orelhas, dois olhos...

ELIHU: Pra que eu tivesse sempre um de reserva...

O HOMEM DA MALETA: Sim. Para que você tivesse uma reserva... e um capital... porque neste mundo, tudo se compra e tudo se paga... Eu não sei por que Deus quis que fosse assim, o mundo, mas ele é assim... Não se pode fazer nada... Mas felizmente quando de algum jeito a gente tem um...

ELIHU: ...um capital...

O HOMEM DA MALETA: Feche o olho esquerdo. Elihu... Você ainda está me vendo, mesmo assim?

ELIHU: Estou.

O HOMEM DA MALETA: Fique com o olho esquerdo fechado e tente teclar o meu número no celular... Vou

ditar pra você... 00...49... 677... 889... 8765... (*Toca o celular do HM.*) Perfeito... Então, Elihu, você percebe que se pode viver muito bem com um olho só!

ELIHU: Percebi.

O HOMEM DA MALETA: E então?

ELIHU: ...não sei.

O HOMEM DA MALETA: Pense, Elihu... Pense nos seus irmãos, nas suas irmãs... Pense em sua mãe também... Em cada um dos teus olhos existe, aqui, bem na superfície, uma pequena camada de gelatina... é transparente, mole... isso se chama córnea... e vale 20 mil dólares cada uma, viu? Entende? Foi Deus que quis que fôssemos assim... ricos... Foi Deus que disse "Vou dar duas córneas pro Elihu, assim ele vai ter um capital".

ELIHU: É...

O HOMEM DA MALETA: "Assim ele vai poder trazer os três irmãos e a irmã, e também a mãe dele..." Está ouvindo a voz de Deus, meu rapaz? É ele que está falando...

ELIHU: É...

O HOMEM DA MALETA: Mas... o que você está fazendo? Seu tonto. Está chorando?

ELIHU: Estou. Eu gosto de chorar... com meus dois olhos...

O HOMEM DA MALETA: Chora, Elihu, chora... Quer uma Coca-Cola?

(*Música ocidental.*)

Aldeia perdida nos Bálcãs. Ruído de um caminhão que estaciona. O Homem entra, tira o boné e a capa, lava as mãos, senta-se à mesa. A Mulher lhe serve a comida.

A MULHER: Tudo bem? *(Pausa.)* E então?

O HOMEM: Então o quê?

A MULHER: Você viu o grupo?

O HOMEM: Vi...

A MULHER: Eles não param de passar...

O HOMEM: É.

A MULHER: Que vamos fazer?

O HOMEM: Não sei.

A MULHER: Você nunca sabe nada...

(Pausa. O Homem enche um copo.)

O HOMEM: Bom. Eu trabalho. O que você quer que eu diga?

A MULHER: Parece que os sérvios fecharam a fronteira.

O HOMEM: É. Parece...

A MULHER: Isso é bom?

O HOMEM: Não sei.

A MULHER: Você não sabe, mas agora isso vai sobrar pra nós.

O HOMEM: Isso o quê?

(Pausa. Alguém bate à porta.)

A MULHER: Está vendo?

O HOMEM: Vendo o quê?

A MULHER: Já está começando.

O HOMEM: Vai atender à porta...

A MULHER: Mas eu não sei se é bom atender...

O HOMEM: Mas é a nossa porta, podemos abrir, não?

A MULHER: Não sei não se é bom abrir a porta, agora. Justamente porque a porta é nossa, a gente também pode não abrir.

(Pausa.)

O HOMEM: Não tenha medo, estamos na nossa casa. Abre logo, merda!

(A Mulher vai abrir. Na frente da porta: o Migrante.)

O MIGRANTE: Hello!

A MULHER *(para O Homem):* Taí. Bem que eu disse...

O HOMEM: Bem que você disse o quê?

A MULHER: Agora, o que é que a gente faz com ele?

O HOMEM: Pô, sei lá... Mas ele te cumprimentou, cumprimenta ele também, pelo menos.

A MULHER: Ele não me cumprimentou. Eu não sei o que ele me disse.

O HOMEM: Ele te cumprimentou. O que ele disse significa isso. Cumprimenta ele também.

A MULHER: Olá!

(O Migrante sorri. Ele tem um celular na mão e o mostra para a Mulher e para o Homem.)

O MIGRANTE: Please...

A MULHER: Bom, e o que a gente faz, agora? Digo pra ele comer com a gente?

O HOMEM: Bah, não sei. Pergunta o que ele quer...

A MULHER: O que você quer? Quer água?

O MIGRANTE *(mostrando de novo o celular):* Please...

A MULHER: Tá com fome? Quer comer?

O MIGRANTE: Please...

A MULHER (*para o Homem*): Ele não sabe o que ele quer... Pronto. E agora, o que é que a gente faz?

O HOMEM: Traz uma cadeira pra ele!

(*A Mulher empurra uma cadeira, ao lado da porta.*)

A MULHER: Olha. Senta.

O Migrante (*implorando, tira do bolso um carregador e mostra para a Mulher e para o Homem*) – Please...

(*O Homem se levanta, pega o celular do Migrante, desliga um abajur e liga o carregador no lugar.*)

A MULHER: É isso que ele quer?

O HOMEM: É. Eu acho...

A MULHER: Mas...

O HOMEM (*para o Migrante*): Senta.

O MIGRANTE: *Thank you. Thank you.*

A MULHER: Bom, e agora?

O HOMEM: Agora a gente espera.

A MULHER: É só isso que ele quer, tem certeza?

O HOMEM: Não sei. Mas dá um copo de leite quente pra ele, em todo caso.

O Coiote, Ali, Fehed, migrantes.

O COIOTE: Ali!

ALI: Oi.

O COIOTE: Diz pra esses idiotas que estão se agitando aí no porão pra se acalmarem...

ALI: Sim, chefe, mas...

O COIOTE: Não quero mais ouvir esses gritos!

ALI: Sim, mas... É que estamos afundando.

O COIOTE: Estamos afundando porque eles estão fazendo bagunça.

ALI (*para o pessoal do porão*): Hei, vocês aí, tá tudo bem, parem com esse circo! (*Para o Coiote*) – Eles estão com medo, chefe. Eles estão com água até os joelhos...

O COIOTE: Então diz pra eles que é por isso que a água está entrando no porão, porque eles se mexem demais.

ALI: Chefe, eles estão muito assustados... Estão dizendo que vão se afogar como ratos.

(Pausa. O Coiote pensa.)

FEHED: Estamos muito pesados, chefe... Não vamos conseguir...

(Pausa. O Coiote pensa.)

ALI: Tem gente demais, chefe. Que vamos fazer?

(Pausa. O Coiote pensa.)

FEHED: Eu acho que vamos ter que nos livrar de algumas pessoas...

(Pausa...)

ALI: Pelo menos três ou quatro...

FEHED: Ou até mesmo cinco...

(Pausa.)

ALI: Diga o que temos que fazer, chefe...

FEHED: O pessoal do porão, de qualquer modo, não pagou quase nada...

ALI: Podemos pegar uns quatro, dar pra eles as boias salva-vidas e jogá-los no mar.

O COIOTE: Quem são as pessoas do porão?

ALI: São cristãos do Sudão.

O COIOTE: Pegue dois cristãos e dois muçulmanos.

ALI E FEHED: O quê?!

O COIOTE: Vamos nos livrar de quatro pessoas, mas tem que ser dois e dois.

ALI: Como assim, dois e dois?

O COIOTE: Dois cristãos e dois muçulmanos.

ALI: Eu não posso fazer isso, chefe!

FEHED: Tá brincando, chefe...

O COIOTE: Vão fazer isso, sim, e já!

ALI: Não, chefe. Não posso abandonar os meus.

O COIOTE: Escute aqui, Ali...

FEHED: Isso não é certo, chefe. Nós somos oitenta e três, e eles são apenas dezessete.

O COIOTE: E daí?

FEHED: Como e daí? Onde está a democracia?

ALI: Sim... Nós somos mais numerosos, nós é que devemos fazer a lei.

O COIOTE: Ali... Você sabe para onde estamos indo?

ALI: Sim.

O COIOTE: Pra onde?

ALI: Estamos indo pra Itália.

O COIOTE: E a Itália, pra você, é o que como país?

ALI: Bom, é a Europa.

O COIOTE: Não, seu tonto... Estamos indo para a terra dos cristãos. É lá que vocês vão pedir asilo político... São eles que vão nos dar de beber, de comer e depois são eles também que vão cuidar de nós, eles que vão nos abrigar também... Tá entendendo, Ali? Fehed, você entende?

ALI: Não.

FEHED: Não.

O COIOTE: É lá que vocês vão viver.

ALI: Bom, e daí?

O COIOTE: Pô, é que eles não vão ficar muito contentes, os cristãos, se vocês já chegarem dizendo pra eles “desculpem, o barco estava muito pesado e jogamos quatro cristãos no mar”...

ALI: É, mas não vai ser mentira.

FEHED: E de qualquer forma, foram eles que inventaram a democracia... Então, eles têm mais é que pagar...

O COIOTE: Tem mais é que pagar? Mas vou repetir, eles não vão gostar disso quando receberem vocês hoje à noite... Então, é melhor fazer meio a meio. Estamos na mesma merda, cristãos e muçulmanos, tem que se sacrificar dos dois lados. Assim, ninguém vai poder dizer nada.

ALI: Mas, chefe, ninguém vai saber...

FEHED: Podemos até jogar no mar todos os dezessete e assim ficar sossegados...

ALI: Temos esse direito, chefe. Somos mais numerosos, é democrático.

FEHED: E de qualquer jeito, ninguém vai ver nada...

O COIOTE: Não, Fehed! O mar cospe de volta todos os segredos. Mais cedo ou mais tarde, o mar conta tudo que viu.

A Cantora com Véu.

A CANTORA: Boa noite. Eu me chamo Anahita. Sou cantora e vim até aqui porque quero cantar uma música para vocês.

Mas, primeiro, gostaria de explicar por que eu uso o *hijab*. É porque sou tóxica. As formas do meu corpo poderiam perturbar a paz social. É por isso que fico toda coberta... A protuberância dos meus seios não pode ficar visível. Meus braços não podem ficar à mostra. Meus cabelos não podem ser vistos, nem meu pescoço, nem meus tornozelos... Tudo isso poderia perturbar o olhar dos homens. E os homens, como se sabe, são sensíveis, frágeis... Um antebraço descoberto pode causar um estrago terrível na cabeça de um homem. Isso poderia perturbá-lo por dias e dias, e até sua vida toda. Um par de tornozelos que ousam se mostrar em sandálias muito leves podem provocar uma tempestade... Agredido, atordoado, intoxicado por uma imagem dessas, o homem pode perder a tranquilidade, o equilíbrio interior, a capacidade de concentração... Imaginem, vários milhares de tornozelos femininos, insolentes e irresponsáveis, irrompendo no espaço público! Isso poderia provocar um verdadeiro terremoto social. Os tornozelos são umas malditas fontes de fantasias eróticas... Como,

aliás, os pescoços e os cabelos, os peitos muito proeminentes e as nádegas com o contorno visível sob *hijabs* muito justos... Não fica bem... Não fica bem porque a vida pública, assim, se tornaria um inferno. A cabeça dos homens ficaria cheia de fantasias, o que pode despertar desejos impossíveis de ser satisfeitos. E obrigatoriamente toda essa mecânica provoca uma frustração profunda que envenena a vida da família, a vida profissional, a harmonia social e, finalmente, a paz cívica...

Sim. É por isso que no meu país, nós, mulheres, usamos o *hijab* e só saímos inteiramente cobertas... Não queremos provocar *tsunamis* emocionais, não queremos desequilibrar a sociedade, provocar o caos...

Vocês devem saber, provavelmente, o que quer dizer “efeito borboleta”... É que, às vezes, o bater de asas de uma borboleta lá na China provoca um furacão no Oceano Índico... E nós, mulheres, infelizmente, somos feitas assim... O diabo deve ter se metido nisso...

Nossos seios, peitos, tornozelos, as formas da nossa bunda e da barriga, nossa cintura fina e até a finura de nossas mãos e lábios, até nossos cílios, e sobrancelhas, assim como nossa língua, tudo isso é como o bater de asas da borboleta...

E pode provocar tempestades, furacões e maremotos...

E sabem o que acontece então? As casas implodem ou são levadas pelas ondas, cidades, aldeias inteiras são devastadas, a civilização desmorona, a ordem desaparece e é a barbárie que se instala em seu lugar...

Os homens, com sua vasta cabeleira, pescoço forte, ombros largos, peito peludo ou braços musculosos à

mostra nunca provocam nada. Está provado. É mais do que certo. Nunca, no registro da história da humanidade, nenhum tornozelo de homem, nenhuma barba viril e nenhum peito masculino desnudado provocou o “efeito borboleta”. É por isso que os homens podem sair vestidos como quiserem, só de camisa, com o torso nu, ou de calças apertadas... Com eles, não há asas de borboleta batendo, nada de catástrofes sociais, nada de consciências contaminadas por fantasias...

Pronto, agora está bem claro por que eu uso o *hijab*. É para não causar desastres interiores e exteriores, para eu não ser um dia a origem da extinção da civilização e do fim da história.

É por isso, aliás, que no meu país, nós, mulheres, também não temos direito de cantar em público. Os homens, sim, a voz dos homens não é nociva, tóxica e perigosa. Mas a voz das mulheres é como nossos seios, pescoço, cabelos, umbigo, sorriso, é lânguida, provocante e prejudicial.

Portanto, não tenho direito de cantar em público, mas mesmo assim vou cantar uma canção... É uma canção sobre a miséria afetiva, sentimental e sexual na qual vive uma boa parte da humanidade. Dura só um minuto.

(Ela tira uma ampulheta e a segura numa das mãos. Cala-se por um minuto, com a boca apertada, olhando fixamente nos olhos dos espectadores. A areia escoada dentro da ampulheta. Leva um minuto. Escoada a areia, a Cantora se inclina e agradece aos espectadores como se a canção tivesse terminado naquele instante.)

Obrigada.

O Traficante de Crianças 1 e O Traficante de Crianças 2.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: O fato de vocês estarem aqui e de nos ouvirem já significa que o que nós vamos dizer interessa a vocês.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Todos nós amamos nossos filhos. Os filhos são o que temos de mais precioso.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: E estamos prontos para fazer o que for preciso para que eles possam ter um futuro, para que possam viver normalmente, no amor de Deus e em segurança...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Vocês estão prontos para fazer o que for preciso para ir com eles para a Europa, para que eles possam viver na Europa, para que possam ir para a escola e ter um trabalho...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Mas vocês não são obrigados a ir com eles para a Europa para que eles possam viver lá.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: É muito mais simples e mais seguro deixar eles irem sozinhos. É sim, e eu garanto que essa é a melhor solução para eles.

(Os Coiotes colocam uma música; a canção “Negarane Mani” do rei do pop iraniano Morteza Pashaei.)

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Vocês entendem a letra?

OS DOIS TRAFICANTES JUNTOS: *(Os dois cantam em uníssono.)* “Não é tarde demais... Ninguém mais, só você pode escrever o seu destino...”

(Os dois traficantes podem nesse momento fazer um tipo de caraoquê.)

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Escutem o que digo. Nós, como vocês, somos pais religiosos.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: E é em nome de Deus, e Deus nos mostrou o caminho, que nós fazemos esse trabalho para vocês e para seus filhos, para que eles possam escrever cada um o seu destino...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Não é tarde...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: E para que a identidade de nossos povos não se perca...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Nós já levamos milhares de crianças para a Europa, do Afeganistão, Síria, Iraque, Líbia, Somália.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: E nunca perdemos nenhuma criança no caminho.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Isso eu juro pelo meu amor a Deus e pela alma da minha mãe...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Nós não somos bandidos...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Não somos ladrões...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Não somos proxenetas...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Não somos descrentes...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Nós somos uma organização humanitária que salva as crianças das dificuldades. E os seus filhos, vocês sabem, estão numa situação de dificuldade.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Eles não têm futuro no país.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: A qualquer momento, podem aparecer homens armados nas escolas e arrematar seus filhos e levá-los para sempre...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: É isso que vocês querem? Que com doze anos eles virem combatentes, que entrem para o jihad?

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Sei que não é isso que vocês querem...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: E para as meninas também não. Vocês não querem que elas sejam raptadas pelo Boko Haram ou por outros loucos religiosos, por gente sem escrúpulos que vão fazer suas filhas casar à força com mártires sem noção que vão fazer delas viúvas aos 18 anos...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Escutem, a Europa está pronta para receber os seus filhos de braços abertos.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Vejam, está escrito aqui, na declaração dos direitos das crianças... “A Europa coloca a criança no centro de seus valores e aspirações.”

(Os dois distribuem filipetas com esse texto pela sala.)

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: É por lei que seus filhos serão protegidos na Europa, e essas leis são boas. Seus filhos serão alimentados, cuidados, mandados para a escola...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Olhem essas fotos...

(Projeção de fotos de abrigos para menores isolados na Alemanha e na Suécia.)

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: É em casas como essas que eles serão recebidos...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Com salas de oração ao lado...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: E salão de jogos também...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Eles terão alimentação halal, isso também é previsto por lei...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: E logo que puderem, vão poder pedir para trazer a família...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: E isso também é previsto por lei...

(Eles tocam novamente a música de Morteza Pashaei.)

O Homem Sorridente, Ayoub. Em algum ponto do Sinai.

O HOMEM SORRIDENTE: Ayoub... Ayoub...

AYOUB: O que é?

O HOMEM SORRIDENTE: Acorda, Ayoub, você já dormiu bastante... Olha, é hora de ligar pra sua mãe. Você lembra o número?

AYOUB: Lembro...

O HOMEM SORRIDENTE: Então liga, mas não diz nada. Espere que eu diga o que você deve falar. Entende?

AYOUB: Entendo.

O HOMEM SORRIDENTE: Ayoub, meu rapaz, tem certeza que está entendendo?

AYOUB: Tenho.

O HOMEM SORRIDENTE: Não vá fazer besteira...

AYOUB: Não.

O HOMEM SORRIDENTE: Toma, bebe um pouco de água...

AYOUB: Obrigado, chefe.

O HOMEM SORRIDENTE: Você fuma?

AYOUB: Não. Mas agora me deu vontade de fumar.

O HOMEM SORRIDENTE: Bom, então dê algumas tragadas...

AYOUB: Obrigado. Muito obrigado, chefe.

O HOMEM SORRIDENTE: E aí? É bom?

AYOUB: É...

O HOMEM SORRIDENTE: Então vai, liga... *(Ayoub liga.)*
E aí? Tá chamando?

AYOUB: Tá.

O HOMEM SORRIDENTE: Logo que ela atender você diz:
“Alô, sou eu, estou ligando do Sinai”...

AYOUB: Alô, sou eu, estou ligando do Sinai...

O HOMEM SORRIDENTE: Estou na casa de uns amigos,
não se preocupe.

O HOMEM SORRIDENTE: São amigos que salvaram a mi-
nha vida...

AYOUB: São amigos que salvaram a minha vida...

O HOMEM SORRIDENTE: Mas eu estou devendo dinheiro
pra eles, mamãe...

AYOUB: Mas eu estou devendo dinheiro pra eles, mamãe...

O HOMEM SORRIDENTE: Estou devendo 5 mil dólares pra
eles, mamãe...

AYOUB *(com duas lágrimas que lhe escorrem pelo ros-
to):* Estou devendo 5 mil dólares pra eles, mamãe...

O HOMEM SORRIDENTE: E eu prometi, mãe, que em dois
meses eu vou ter esse dinheiro...

AYOUB: E eu prometi... *(Começa a soluçar.)* E eu pro-
meti...

O HOMEM SORRIDENTE: Concentre-se, Ayoub. E eu pro-
meti que em dois meses vou ter esse dinheiro...

AYOUB: Concentre-se Ayoub... E eu prometi...

(O Homem Sorridente pega o celular e corta a ligação.)

O HOMEM SORRIDENTE: O que deu em você, Ayoub?

AYOUB: Nada...

O HOMEM SORRIDENTE: Você não fica concentrado e
acaba fazendo besteira.

AYOUB: Desculpa, chefe.

O HOMEM SORRIDENTE: Você já fez besteira das outras
vezes e a coisa acabou mal.

AYOUB: Sim, chefe, eu sei.

O HOMEM SORRIDENTE: E você não vai fazer de novo...

AYOUB: Não. Nunca mais.

O HOMEM SORRIDENTE: Toma, fuma... (*Ayoub fuma, o Homem Sorridente enxuga suas lágrimas.*) Você sabe que eu quero o seu bem...

AYOUB: Sei.

O HOMEM SORRIDENTE: Então você vai se concentrar, tá certo?

AYOUB: Tá...

O HOMEM SORRIDENTE: Então vai, liga de novo... (*Ayoub liga.*) Tá chamando?

AYOUB: Tá...

O HOMEM SORRIDENTE: Então fala pra ela assim: “Eu estou bem, mamãe, estou bem de saúde, aqui me dão de comer, de beber, mas espero que você mande esse dinheiro, mamãe”...

AYOUB: Eu estou bem, mamãe, estou bem de saúde, aqui me dão de comer, de beber, mas espero que você me mande esse dinheiro, mamãe...

(*O Homem Sorridente abre uma porta. Ouvem-se gritos horríveis de um homem torturado.*)

O HOMEM SORRIDENTE (*cochichando na orelha de Ayoub*): Não, não sou eu que estou gritando assim...

AYOUB: Não. Não sou eu que estou gritando assim...

O HOMEM SORRIDENTE: Eu estou bem...

AYOUB: Eu estou bem...

O HOMEM SORRIDENTE: Mas aguardo o dinheiro, mamãe...

AYOUB: Mas aguardo o dinheiro, mamãe...

(*O Homem Sorridente corta a ligação.*)

O HOMEM SORRIDENTE: Bom... Eu já vou... Toma, pode acabar o cigarro...

O Traficante de Crianças 1 e o Traficante de Crianças 2.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Agora vamos falar das questões práticas.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Nós vamos propor a você um percurso de ônibus...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Pegamos as crianças e transferimos para a Europa sem nenhum perigo. Nosso trajeto é seguro e sem problemas, não passa por nenhuma região em guerra... Olhem esse mapa... Primeiro passamos pelo Irã... Vão passar pelas cidades de Tabriz e de Maku, onde vamos formar pequenos grupos... Em seguida, vão pegar a direção da Turquia... Chegamos a Istambul, e depois atravessamos para a ilha de Lesbos num Zodiac, e já estamos na Europa.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Vocês sabem o que é um Zodiac? É um barco seguro, a motor, que nunca dá problema. Transportamos as crianças em lotes de quarenta, e vamos desembarcá-las numa praia. Vamos distribuir coletes salva-vidas porque essa é a regra na Europa, todo mundo que sobe num barco é obrigado a usar colete salva-vidas, mas seus filhos não vão correr o mínimo risco, nem de se molhar.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Não acreditem nas propagandas da Europa que todo dia mostra fotos de crianças afogadas. É só para assustar vocês, para convencer vocês a não fazer nada e obrigar vocês a se enterrar cada vez mais em seu país, de braços cruzados em vez de agir...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: E além disso a Europa precisa de crianças, porque lá as pessoas são todas velhas, e não podem mais procriar, até os testículos dos homens brancos encolheram e o sêmen já não é bom... Mas isso é outra história.

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: Agora vamos falar de preço. Para uma responsabilização total, o preço é 3.500 a 4 mil euros, dependendo da região em que vocês moram. Pegamos seu filho em casa, na sua aldeia, e vamos nos encarregar de tudo. Uma vez na Europa, nossos homens locais vão informar vocês de tudo que acontecer. Vocês nunca vão perder contato com seus filhos, isso eu posso jurar. E a Europa nunca manda de volta um menor de idade para o país de origem, vocês é que se arriscariam a ser mandados de volta se estivessem com eles...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 2: Mas se vocês não puderem pagar a quantia completa, não tem problema, a gente arruma outro jeito. Com doze ou treze anos, uma criança pode trabalhar. Vamos encontrar um trabalho para elas nas nossas oficinas têxteis na Turquia. Não há problema se trabalharem durante seis meses, oito horas por dia. Elas serão alimentadas, alojadas e protegidas. E com o dinheiro ganho, depois elas poderão pagar a travessia... E depois, é melhor elas pedirem asilo na Alemanha ou na Suécia. Sabem quantas crianças chegaram na Suécia ano passado? Mais de 36 mil... E

elas aprendem a língua, e em alguns anos elas vão ter uma profissão, e vão pensar em vocês também...

TRAFICANTE DE CRIANÇAS 1: E então? Pensem bem... No país de vocês, o futuro deles já está condenado. Esses países se transformaram em gaiolas, de onde seus filhos não podem voar. Deixem que saiam... E depois, não tenham medo que a Europa faça com que eles percam a crença em Deus. Não, graças a Deus, a Europa respeita a religião. Lá tem mesquitas em toda parte, e as datas muçulmanas estão no calendário oficial...

O Presidente, O Assessor.

O ASSESSOR: “É preciso instalar um perímetro de intransigência na Europa.” Hum... É meio duro isso...

O PRESIDENTE: Quanto ao sentido?

O ASSESSOR: Mais no nível da construção da frase. Parece uma machadada. O senhor pode dizer a mesma coisa com um toque de emoção... Poderia ser assim, por exemplo... “Nós nunca abandonaremos nossas convicções humanistas, e é o momento de defendê-las com mais intransigência ainda.”

O PRESIDENTE: Mas... não é um pouco o contrário do que eu quero dizer?

O ASSESSOR: Um pouco, sim... Mas muito pouco... De qualquer forma, senhor presidente, o que é importante é jogar um pouco com a veia emocional. A globalização da mídia passa primeiro pela emoção. Não é nada mal o senhor se inflamar um pouco recorrendo à palavra “humanismo”.

O PRESIDENTE: Mas... essa palavra não é meio... antiga?

O ASSESSOR: Mas é... um pouco, sim... Mas é justamente o momento de desenterrá-la... Principalmente porque ela pode atenuar o choque da frase que vem em seguida, e que eu penso em conservar tal e qual, e pela qual eu quero parabenizá-lo.

O PRESIDENTE: Então eu posso dizer “É preciso sistematicamente separar os refugiados de guerra dos refugiados econômicos, e mandar estes últimos de volta para seu país de origem”.

O ASSESSOR: Sim. Juridicamente a frase é correta, e como a medida será impossível de ser colocada em prática, ela é também politicamente correta.

O PRESIDENTE: Georges...

O ASSESSOR: Sim, senhor presidente?

O PRESIDENTE: Não é um pouco cínico o que estamos fazendo?

O ASSESSOR: Não. Nem um pouco, senhor presidente. A gente faz o que pode. De qualquer modo, não sabemos o que vai acontecer. Ninguém sabe. Estamos passando por um *tsunami* que vai transformar totalmente a Europa. Isso é certeza. Mas depois, não se sabe absolutamente nada.

O PRESIDENTE: “Nós fizemos uma lista de países seguros, e nós vamos lançar mão de todos os meios para repatriar os imigrantes clandestinos que não têm chance de alcançar o status de refugiado.” Essa frase fica?

O ASSESSOR: Não. Ela é ridícula. Ela é um enorme lugar-comum na economia do discurso. Daqui em

diante temos que evitar expressões como “é preciso fazer de tudo”, “vamos tentar de tudo”, “vamos mobilizar todos os recursos”... São uma espécie de sintagma que os eleitores não digerem mais, porque eles vão pensar “opa! Esse aí está de novo pensando que eu sou bobo”. Nesse ponto do discurso, eu proponho que seja antes um momento de exaltação poética.

O PRESIDENTE: Agora há pouco, falamos da veia emocional e agora você quer jogar com a veia da poesia...

O ASSESSOR: Sim, porque na verdade estamos usando figuras de linguagem. O senhor evoca uma medida inaplicável, então é melhor envolvê-la numa nuvem lírica. E dizer, por exemplo: “Devemos fazer de modo que nosso bem-estar, nosso modelo, a paz que defendemos mais que tudo e, não vamos esquecer, a nossa riqueza, se espalhem entre nossos vizinhos, assim como em toda parte em que nos peçamos. Eu sei que isso soa como um número de magia, mas eu acredito na magia da vontade”.

O PRESIDENTE: Georges...

O ASSESSOR: Sim, senhor presidente?

O PRESIDENTE: Espero que você não esteja querendo rir de mim...

O ASSESSOR: Não, senhor presidente. E depois, o senhor pode continuar sem problemas com a frase: “Nós vamos negociar com nosso aliado turco para que a triagem seja feita logo mais em seu território”.

O PRESIDENTE: Ah, obrigado, Georges. Então dessa você gostou?

O ASSESSOR: Gostei. Ela é curta e grossa. A arte do contraponto na preparação de um discurso é o critério principal, e o resto é blá-blá-blá...

18
1

A casa do Homem (Igor) e sua mulher,
em algum lugar dos Balcãs.

O interior da casa mudou um pouco: há mais cadeiras que antes, e se veem extensões de fios elétricos e régua de tomada onde vários celulares estão sendo carregados.

Pode haver também dois ou três migrantes que cochilam enquanto os celulares recarregam.

Ouve-se o ruído de um caminhão que estaciona. Igor (O Homem) entra, com uma picareta na mão.

A MULHER: Igor?

(O Homem não diz nada. Põe a picareta sobre a mesa, tira o boné e a capa. Vai até o armário, abre a porta, tira uma garrafa, serve-se da bebida. Toma um gole. Senta-se numa cadeira. Olha para o vazio.)

A MULHER: Igor?

(O Homem se levanta, tira um giz escuro do bolso e desenha na parede, não muito longe da porta, uma segunda porta.)

A MULHER: Igor? Tá tudo bem?

(O Homem olha a mulher sem dizer nada. Em seguida, arma-se da picareta e ataca a parede, parecendo furar uma segunda porta ao lado da primeira. Nenhum dos migrantes reage.)

A MULHER: Igor...

(O Homem continua a demolir a parede.)

A MULHER: Igor!

(O Homem não responde, continua a demolir a parede. A Mulher pega uma toalha, chega perto do marido, toca-o ternamente e enxuga o suor de seu rosto.)

A MULHER: *(carinhosamente)* Igor...

O HOMEM: O quê?

A MULHER: Por que você voltou tão cedo? *(Nenhuma resposta.)* Escute, Igor...

O HOMEM: O quê?

A MULHER: O que você está fazendo?

O HOMEM: Bom, você não está vendo?

A MULHER: Não. Não vejo nada.

O HOMEM: Estou cavando uma porta...

A MULHER: Mas já tem uma porta...

O HOMEM: Não é suficiente.

(Ele investe novamente com a picareta contra a parede.)

A MULHER: Igor...

O HOMEM: Que é?

A MULHER: As casas são todas feitas assim.

O HOMEM: Então elas foram malfeitas.

(O Homem retoma seu ataque à parede.)

A MULHER: Igor...

O HOMEM: O quê?

A MULHER: Uma porta só é mais que suficiente.

O HOMEM: Não é.

A MULHER: E por que não?

O HOMEM: Bom, porque não.

(O Homem continua em sua tarefa obsessiva.)

A MULHER: Igor...

O HOMEM: O que é?

A MULHER: Vamos ficar sem aquecimento.

O HOMEM: A gente se vira.

A MULHER: Com duas portas vamos ficar sem aquecimento. Vamos gastar mais, você vai ver...

O HOMEM: Bom, vamos gastar um pouco mais. É pra isso que eu me mato de trabalhar.

(O Homem continua a furar a parede.)

A MULHER: Mas vai ficar feio.

O HOMEM: Está feio agora, mas vai ser uma porta grande e bonita. Maior e mais bonita que as outras.

A MULHER: Você está louco, Igor.

O HOMEM: Não estou louco, quero só que se possa circular normalmente nesta casa.

A MULHER: Casa é pra gente se abrigar, não pra circular dentro dela.

O HOMEM: Bom, agora me deixa trabalhar.

(O Homem continua a furar a parede.)

A MULHER: Igor...

O HOMEM: O quê?

A MULHER: Vai ter corrente de ar, você vai ver.

O HOMEM: E daí?

A MULHER: Você sempre teve problemas com correntes de ar.

O HOMEM: Não.

A MULHER: Claro que sim.

O HOMEM: De todo modo, vamos respirar melhor, você vai ver. Vamos ter também um pouco mais de claridade. Vai ser muito mais sadio.

(A Mulher vai buscar uma cadeira, e a empurra até perto do marido.)

A MULHER: Igor...

O HOMEM: O quê?

A MULHER: Senta aqui. *(O Homem senta.)* Conta pra mim. O que está acontecendo?

O HOMEM: Nada.

A MULHER: Igor...

O HOMEM: O que é?

A MULHER: Conta pra mim o que acontece?

O HOMEM: Eu fui transferido.

A MULHER: Foi transferido?

O HOMEM: É. Fui transferido.

A MULHER: Pra onde?

O HOMEM: Pruma outra obra. Na fronteira. Precisam transportar rolos de arame farpado pra lá.

A MULHER: Por quê?

O HOMEM: Porque estão instalando cercas. Em toda a extensão da fronteira, agora, estão pondo duas fileiras

de arame farpado. Vai ser um trabalho de dois meses. Vai ter uns vinte caminhões-guindaste pra fazer o transporte. O arame é pesado. E delicado. Tem que ser descarregado exatamente no local onde vai começar a ser desenrolado. É impressionante. E perigoso. Principalmente pros que vão ter que desenrolar tudo... Tem que usar luvas metálicas. Mas não basta. Um dos caras já se feriu. Teve o rosto furado pelo arame farpado. Não sei como ele fez. A gente pega os rolos de arame farpado na estação de Radzoka. Eles vêm da Hungria. Parece que os húngaros estão oferecendo isso de presente pra nós. Centenas de toneladas. Então, é isso. Faz três dias que estou trabalhando lá, lá na fronteira... Se quiser, posso levar você lá, dar uma volta. Tem que ver. As cercas de arame farpado são tão grossas... e tão altas... É quase impossível cortar o arame, só com serra elétrica. São muito eficientes.

(Pausa. A Mulher traz uma garrafa e dois copos. O Homem serve a bebida para os dois.)

A MULHER: Não somos mais tão jovens, Igor...

O HOMEM: Não... *(Pausa.)* Mas...

(Pausa.)

A MULHER: E...

O HOMEM: Estou pensando... Será que esse meu trabalho é como os outros?

A MULHER: Hum...

O HOMEM: Você acha que é um trabalho como outro qualquer?

A MULHER: Não sei.

O HOMEM: E eu também não, Maritchka, eu também não sei...

(O Homem bebe e recomeça a demolir a parede de sua casa.)

A Dançarina com Véu.

A DANÇARINA: Boa noite. Meu nome é Anahita. Sou dançarina e vim aqui diante de vocês porque eu quero dançar para vocês.

Sou dançarina, apesar de no meu país eu não ter direito de dançar em público. E eu entendo muito bem por que não tenho esse direito. A linguagem do corpo é perturbadora. Quando uma mulher começa a mexer os quadris, os braços, o ventre... há uma energia negativa que se espalha pelo Universo. Uma mulher cujo corpo ondula no ritmo da música se transforma numa bomba sensual que explode na cabeça dos homens... E vocês sabem como os homens são frágeis, sensíveis, delicados... A rigor, eles preferem se defrontar com o impulso de todas as explosões possíveis num campo de batalha em vez de confrontar o impulso da beleza...

O impulso da beleza, o impulso da poesia, o impulso do amor, o impulso da feminilidade, como eu disse, é muito perigoso... Ele provoca uma espécie de efeito dominó. A cabeça dos homens se enche com um tipo de fumaça escura, eles perdem a razão, o veneno da emoção se propaga no ar, os pontos cardeais explodem, o equilíbrio dos corpos galácticos se perde, o Universo inteiro volta

para o ponto de partida, isto é, para o estado do caos, de um magma disforme e vago...

É isso. É isso que acontece quando as mulheres dançam em público, no teatro ou num estúdio de televisão...

Para os homens, isso não é problema, eles podem dançar diante de todo mundo dia e noite, 24 horas por dia, vestidos como quiserem e acompanhados por qualquer música possível. Nunca, na memória dos seres vivos, a dança de um homem perturbou a ordem das coisas, o equilíbrio da natureza, a sucessão das estações, o ritmo das florações ou a polinização das plantas. Mas os gestos diabólicos das mulheres, o fogo maldito que anima suas danças, isso sim já provocou estragos enormes para a civilização.

Então, hoje, como posso sufocar se eu não dançar, como não posso nem viver sem dançar, nem deixar o meu país, vou mesmo assim dançar diante de vocês. Vou dançar diante de vocês durante um minuto...

(Ela fica imóvel durante um minuto, com uma ampulheta na mão. Em seguida agradece ao público.)

Obrigada.

As imagens de uma favela que lembra “a Selva de Calais”. Barracas e cabanas improvisadas onde os imigrantes instalaram uma padaria, um salão de cabeleireiro, um bar, uma farmácia... Uma das cabanas serve de “casa de tolerância”.

E ali as prostitutas organizaram um “salão de afeto tarifado”. Personagens vestidas de forma erótica, mas decente. Mulheres, homens, travestis, etc. Entre eles, uma personagem central, a Cafetina, líder da revolta. Cena “a ser desenvolvida” com música, projeções, etc.

A CAFETINA: Que a Europa é uma zona, isso vocês já sabem!

TODOS: Siiiiim...

A CAFETINA: Que a Europa não é capaz de respeitar os direitos humanos sexuais, isso vocês também já sabem...

TODOS: Siiiiim...

A CAFETINA: É por isso que estamos propondo fazer uma revolução no setor do afeto tarifado...

GAROTA 1: Sexo para todos, menos para os cafetões!

A CAFETINA: Sim. Um mundo sem cafetões é possível!

Todas as garotas – Trabalhadoras e trabalhadores do sexo, uni-vos!

A CAFETINA: Um mundo sexualmente mais justo é possível! Precisa acreditar, precisa querer, precisa se mobilizar pelo progresso sexual da humanidade. É por isso que eu proponho um bigue-bangue sexual! (*O diretor deve introduzir uma “dança do bigue-bangue”.*) Mas antes é preciso acabar com a hipocrisia. Sexo é vida. O direito a relações sexuais igualitárias deve ser garantido pelo Estado.

GAROTA 1: Tem que nacionalizar a administração dos serviços sexuais tarifados.

A CAFETINA: Mas para ser politicamente correto – porque o Estado deve ser sempre politicamente correto – o setor da bunda paga será de agora em diante chamado de “afeto tarifado”.

GAROTA 2: É urgente tirar o povo da miséria sexual.

GAROTA 3: Só assim vamos poder construir uma globalização sexual decente.

A CAFETINA: O poder para os sexualmente ativos!

GAROTA 1: Isso é claro...

GAROTA 2: É imperativo...

GAROTA 3: Todos os países, estados, organizações devem ser dirigidos só por pessoas sexualmente satisfeitas.

O TRAVESTI: É o mínimo. É a base do bom senso, só assim os problemas da humanidade podem ter alguma chance de encontrar um comecinho de solução...

A CAFETINA: Vejam o que já fizeram com quase 1 milhão de jovens solteiros e com boa saúde sexual... Receberam todos eles na Europa sem pensar um segundo sequer nas necessidades sexuais que eles têm...

GAROTA 1: O homem não é só uma besta de carga e obrigado a produzir milagres econômicos em série...

GAROTA 2: O homem é também um centro de fantasias e impulsos, um centro de sonhos e contradições...

GAROTA 3: Francamente, minha cara Europa, receber 1 milhão de pênis e 2 milhões de testículos em casa, sem oferecer a eles nenhum espaço de expressão, é uma coisa “impenissável”...

A CAFETINA: Realmente...

GAROTA 1: Realmente...

GAROTA 2: Realmente, realmente...

GAROTA 3: Realmente, realmente, realmente...

O TRAVESTI: Parece até, querida Europa, que você não pensou com a cabeça...

A CAFETINA: Receber 1 milhão de machos em busca de afeto sem organizar um serviço mínimo de conforto sexual é irracional...

GAROTA 1: Irresponsável...

A CAFETINA: E foi por isso que nós chamamos hoje, no Salão do Afeto Tarifado, todos os atores sociais... artistas... políticos... sindicalistas... banqueiros... sociólogos... sexólogos...

GAROTA 1: Aqui, na Selva de Calais...

O TRAVESTI: Para uma reflexão muito séria...

A CAFETINA: Para que o mundo pare de pensar com a bunda...

12

Uma esteira rolante começa a funcionar. Ela transporta sapatos, dezenas e dezenas de sapatos, pares de sapatos e sapatos desparelhados.

Tem-se uma ideia de êxodo através dessa imagem de sapatos, a maior parte em desordem.

Um coiote aparece na esteira exibindo na camiseta uma foto de Angela Merkel. Ele pode passar entre os espectadores, por exemplo, com uma pilha de camisetas iguais para vender.

Outros coiotes aparecem, com outros “produtos derivados” que exploram a popularidade de Angela Merkel. Vendem canecas com a efígie de Angela Merkel, bonês com a imagem de Angela Merkel, sacolas plásticas e outras bugigangas com a efígie daquela que abriu os braços para 1 milhão de refugiados.

Enquanto eles passam entre os espectadores com seus “produtos”, os coiotes dão os seguintes “conselhos”:

O COIOTE 1: Bom, agora, caros amigos, chegou o momento de vocês se molharem um pouco... A costa grega, como estão vendo, está diante de vocês... Vou lhes dizer adeus e boa sorte...

O COIOTE 2: Algumas últimas recomendações, entretanto, antes que vocês esbarrem na Europa...

O COIOTE 3: Logo que estiverem a duzentos ou trezentos metros da costa, desprendam o motor e deixem que ele afunde. Assim vocês poderão ter certeza de que ninguém poderá mandá-los de volta para a Turquia no mesmo barco.

O COIOTE 1: Gritem o mais forte que puderem “Allah akbar!”. Isso vai alertar a guarda costeira e eles logo saberão que há uma nova remessa.

O COIOTE 2: Aí, vocês se jogam na água e nadam até a praia, é melhor se eles socorrerem vocês ainda dentro da água.

O COIOTE 3: Vão levar vocês até um posto para tirar as impressões digitais e registrar os nomes. Lá, vocês vão poder dizer o que quiserem, porque ninguém poderá verificar nada... De todo jeito, o importante é dizer que vocês querem pedir asilo.

O COIOTE 1: “*Sono rifugiato*”, sou refugiado...

O COIOTE 2: “*I am a refugee*”, é só isso que vocês devem dizer...

O COIOTE 3: Mas quem for paquistanês deve fingir que é afegão, senão eles logo vão pôr a pessoa numa lista separada.

O COIOTE 2: E os argelinos e marroquinos devem passar por sírios ou iraquianos.

O COIOTE 1: E cuidado, se você for um curdo da Turquia deve dizer que é sírio, senão vão mandar você de volta para o seu querido país.

O COIOTE 2: Para os africanos não sei o que recomendar. O melhor é se passar por somalis, eritreus ou sudaneses.

O COIOTE 1: Se vocês forem para a Alemanha, chegando na fronteira usem a camiseta com a foto da Angela Merkel. Isso pode ajudar. Se quiserem, podem comprar já. Vamos vender essas camisetas a 5 dólares cada.

O COIOTE 2: Quando entrarem na Alemanha, digam “Foi a Sra. Merkel que me convidou”, isso pode ajudar.

O COIOTE 3: Quem for para a Dinamarca, cuidado, eles vão confiscar suas joias e seu dinheiro líquido, é melhor se apresentar na fronteira de mãos vazias.

O COIOTE 1: Por onde passarem, não se esqueçam que aqueles que mais rejeitam os imigrantes são os imigrantes já radicados na Europa.

O COIOTE 2: Conselho para os rapazes: vigiem o pau. Não toquem em nenhuma mulher, mesmo que ela olhe para você amigavelmente.

O COIOTE 3: Se forem em alguma piscina, nunca cheguem a menos de um metro de uma mulher.

O COIOTE 2: Nunca se masturbem dentro da piscina.

O COIOTE 3: Enfiem bem uma coisa na cabeça: aqui as mulheres mostram os seios e as pernas, mas elas não são putas. Nunca abordem uma mulher sozinha que esteja fumando ou bebendo numa mesa de bar, esse não é um perfil de prostituta aqui.

O COIOTE 1: Para saber onde estão as putas de verdade, perguntem a um taxista.

O COIOTE 2: Cuidado também no momento de preencher os pedidos de asilo. Vai ter tradutores para ajudar vocês. Alguns podem ser até pessoas do seu próprio país. Mas vocês não devem confiar muito, a missão deles é identificar sotaques e desmascarar impostores. Se alguém disser que é sírio, mas falar com sotaque marroquino ou argelino, tá ferrado.

O COIOTE 3: Podem ir para onde quiserem, mas evitem sempre passar pelos países dos Bálcãs. A Macedônia, a Sérvia, a Albânia, o Cosovo, são piores que os países de vocês, nem pensem em pisar por lá, vão ficar bloqueados lá mesmo...

OS TRÊS COIOTES JUNTOS: Que Deus os proteja. Um dia essa terra que vocês estão vendo ali será de vocês.

(Os Coiotes são resgatados por uma lanchinha rápida e se afastam.)

(Os migrantes gritam "Allah akbar!".)



O Coiote e Fehed.

O Coiote está dando uma surra em Fehed.

FEHED (*chorando*): Para, chefe...

O COIOTE: (*sem parar de bater*) – Seu merdinha!

FEHED: Mas o que foi que eu fiz, chefe?

O COIOTE: Você não sabe o que você fez?

FEHED: Eu não, chefe...

O Coiote (*sempre batendo*): Eu te mato! Eu te mato!

FEHED: Por piedade, chefe... Eu não fiz nada...

O COIOTE: Seu fodido! Acabou! Você é um homem morto! Vou te matar com as minhas mãos!

FEHED (*chorando*): Eu tenho filhos, chefe...

O COIOTE (*batendo*): Ah, você tem filhos...

FEHED: Tenho...

O COIOTE (*batendo*): Quantos?

FEHED: Três...

O COIOTE: Agora você não vai mais ver nenhum deles porque é um homem morto.

FEHED: Mas por que, chefe, por quê?

O COIOTE: Por quê? E você ainda me pergunta por quê? Seu rato de merda. Lixo, é isso que você é. Onde eu mandei você comprar os coletes salva-vidas?

FEHED: O quê?!

O COIOTE: Os coletes! Os coletes salva-vidas, seu idiota... Onde é que você foi comprar?

FEHED: Pô... no lugar de sempre...

O COIOTE (*ainda batendo nele*): No lugar de sempre... E você ainda me diz na cara dura que comprou no lugar de sempre. Não! Você não comprou no lugar de sempre... E não vem me dizer que você pagou o preço de sempre... Você pagou mais barato, não foi?

FEHED: Foi.

O COIOTE: E a diferença você enfiou no bolso, não foi?

FEHED: Foi, chefe...

O COIOTE: E quanto você ganhou, Fehed?

FEHED: Não muito, chefe... Cinco dólares por colete.

O COIOTE: Cinco dólares por colete...

FEHED: Foi, chefe... E o dinheiro está aqui. Posso te dar todinho.

O COIOTE: Cem coletes vezes cinco, isso dá 500 dólares, não? Então...

FEHED: Sim, chefe...

O COIOTE: Bom, sabe o que eu faço com os seus dólares, seu merdinha fedido? (*Ele começa a enfiar as notas uma a uma na boca de Fehed.*) Você vai engolir agora mesmo esses 500 dólares...

FEHED: Perdão, chefe, me perdoa.

O COIOTE: E aí? Tá gostando dos dólares? Abre essa boca.

Fehed (*com a boca cheia de dólares amassados, já engasgando*) – Nunca mais vou mentir pra você, chefe...

O COIOTE: Mentir pra mim? Não. Você nunca mais vai mentir pra mim porque com você acabou!

FEHED (*com a boca cheia, engasgando*): Não. Eu não mereço isso, chefe...

O COIOTE: Ah, não merece? Não merece isso? E as crianças que receberam os coletes falsos? Elas mereciam isso?

FEHED: O quê?!

O COIOTE: Ah, vai dizer que você não sabia disso... Não sabia que os seus coletes de merda, mais baratos, eram falsos?

FEHED (*consternado*): Não...

O COIOTE: E que os coletes fajutos não flutuam, não sabia disso...

FEHED: Não...

O COIOTE: Bom, então agora você sabe... Os coletes de merda que você pagou mais barato você vai também engolir todos eles, um por um... porque eles não boiam... e mais, em vez disso eles pesam no corpo e ajuda as pessoas a se afogar mais depressa... Está vendo para que serve um colete salva-vidas? Esses aí são um passaporte para se afogarem mais rápido... Você distribuiu túmulos em vez de coletes... E você se diz religioso? Quem é o seu Deus?

Telejornal.

O APRESENTADOR: A agência de coordenação policial Europol revelou o desaparecimento de mais de 10 mil crianças migrantes durante os últimos dois anos. É provável que a maior parte delas esteja agora reduzida à escravidão ou ao comércio sexual pelas organizações criminosas. Apenas na Itália perdeu-se a pista de 5 mil crianças. A polícia federal britânica anunciou nesta quinta-feira que estudará a possibilidade de acolher crianças sozinhas, afastadas das famílias pelos conflitos. De 1 milhão de migrantes chegados à Europa em 2015, 27% seriam menores de idade.

O Homem da Maleta e Elihu.

O HOMEM DA MALETA: Olá, Elihu...

ELIHU: Oi!

O HOMEM DA MALETA: Você se lembra de mim?

ELIHU: Lembro.

O HOMEM DA MALETA: E você não está contente de me ver?

ELIHU: Não sei...

O HOMEM DA MALETA: Você vai bem, Elihu?

ELIHU: Não sei...

O HOMEM DA MALETA: Mas claro que você vai bem. Você está trabalhando, tem toda a sua família com você... Você é um bom filho, Elihu.

ELIHU: Sou.

O HOMEM DA MALETA: E também um bom irmão.

ELIHU: Sou.

O HOMEM DA MALETA: Agora, olhe bem nos meus olhos...
Que incrível, não parece ter diferença nenhuma!

ELIHU: Que diferença?

O HOMEM DA MALETA: Entre o seu olho direito e o seu
olho esquerdo... Parece que são perfeitamente iguais.

ELIHU: Mas eles não são...

O HOMEM DA MALETA: Sim, mas olhando não se percebe
nada... Quer dizer que eles são perfeitos, os dois.

ELIHU: Mas eles não são...

O HOMEM DA MALETA: Não importa... Nem os seus ir-
mãos repararam em nada, não é verdade?

ELIHU: É, mas a minha mãe, sim...

O HOMEM DA MALETA: Bom, a sua mãe percebeu por-
que foi ela que pôs você no mundo. As mães são as-
sim, elas têm um olho...! Mas para os seus irmãos
nada mudou...

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: Elihu, vou te dizer uma coisa...
O que você fez por sua família, todo mundo sabe...

ELIHU: O que quer dizer isso?

O HOMEM DA MALETA: Que você é respeitado e as
pessoas gostam de você, Elihu... Porque você se
preocupa com a sua família e não esqueceu seus
sofrimentos...

ELIHU: É...

O HOMEM DA MALETA: E então, essas pessoas que te res-
peitam e gostam de você querem fazer uma pergun-
ta pra você... Foi por isso que elas me pediram pra
vir aqui. Você não precisa responder agora... É só pra
você pensar... Pense na pergunta e pense em seus ou-
tros irmãos e naqueles outros irmãos que você nem
conhece, mas que são também da sua família, da sua
grande família... Você entende, Elihu?

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: Você não está entendendo agora,
mas vai entender... Porque outras pessoas que sofrem
estão precisando de você, Elihu... E elas sabem que po-
dem contar com você... Elas sabem que você acredita
em Deus e que você está pronto pra ajudá-las quando
chegar a hora...

ELIHU: Chefe, eu não posso ajudar todo mundo.

O HOMEM DA MALETA: Claro que pode, Elihu... E você
pode fazer ainda mais do que já fez... Porque você
tem uma alma abençoada... E sabe que Deus está com
você... Foi Deus que deu a você dois braços, duas per-
nas, dois rins, dois pulmões, dois olhos, duas orelhas,
duas bochechas...

ELIHU: Sim, mas isso é pra eu poder viver...

O HOMEM DA MALETA: Sim, Elihu, Deus deu tudo isso
a você pra você poder viver, mas também pra poder
ajudar os outros...

ELIHU: Ah é...

O HOMEM DA MALETA: E você também sabe que além dessas, Deus deu a você mais alguma coisa...

ELIHU: O quê?

O HOMEM DA MALETA: Ele deu duas vidas a você, Elihu.

ELIHU: Não.

O HOMEM DA MALETA: Claro, Elihu... Deus em sua bondade deu duas vidas a você... E ele fez isso porque gosta de você e quer que você seja feliz. Foi isso que Deus disse quando fez você: "Para o Elihu eu vou dar duas vidas: uma vida na terra e outra vida no paraíso". E você sabe disso, não é Elihu?

ELIHU: Tem certeza, chefe?

O HOMEM DA MALETA: Tenho, Elihu. Tenho certeza... E você também, você deve ter certeza, pois você é um bom rapaz que sempre faz suas orações e que pensa em seus irmãos.

ELIHU: Não...

O HOMEM DA MALETA: E é essa pergunta que eu vim fazer, Elihu...

ELIHU: Não...

O HOMEM DA MALETA: Como você tem duas vidas, você não quer dar uma pra um de seus irmãos que sofrem?

(Música.)

25

A esteira rolante na qual andam em sentido contrário homens e mulheres: os migrantes. O grupo de migrantes está, obrigatoriamente, em esforço contínuo.

No sentido em que rola a esteira chegam, como fantoches imóveis, outros personagens que, forçosamente, se cruzam com o grupo de migrantes.

O PRESIDENTE: Você acha que é uma invasão, Georges?

O ASSESSOR: Não. É uma revolução.

O PRESIDENTE: Como?

O ASSESSOR: Nós construímos um supermercado, e as imagens que anunciamos estão inundando o planeta há décadas e décadas sem cessar. Mas as prateleiras transbordantes de produtos se encontram num perímetro geograficamente limitado. Logo, é normal que acabemos tendo essas filas gigantescas nas portas de entrada...

O PRESIDENTE: Deveríamos ter nos escondido, então? E não enviar tantos cartões-postais a nossos primos mais pobres? Mais uma vez foi culpa da mídia!

O ASSESSOR: Sim, senhor presidente. Não deveríamos ter nos gabado tanto da qualidade dos nossos

produtos, da nossa genialidade, do nosso senso de universalidade...

O PRESIDENTE: Mas, mesmo assim, eu não vejo onde está a revolução.

O ASSESSOR: É que o grande barman já está farto de servir seu bom velho uísque para alguns, e bebida falsificada para outros... Então ele decidiu fazer um coquetel gigantesco. E ele acaba de começar a chacoalhar a coqueteleira.

O PRESIDENTE: E o que tem nessa coqueteleira, Georges?

O ASSESSOR: O nosso planeta, senhor presidente.

(O Presidente e o Assessor saem, levados pela esteira rolante.)

(As três garotas do Salão das Cercas e Muros entram novamente.)

GAROTA 1: Oferecemos também arame farpado para cercas urbanas...

GAROTA 2: Arames farpados especialmente projetados para tornar herméticas as grandes cidades, as pequenas, os vilarejos, os condomínios e as propriedades privadas.

GAROTA 3: Oferecemos também arames farpados individuais.

GAROTA 1: Se você se sente ameaçado, agredido, molestado ou simplesmente incomodado, oferecemos a cerca individual portátil.

GAROTA 2: A bolha farpada foi feita para você: inquebrável, digital, invisível...

GAROTA 1: Você entra nela de manhã, antes de sair de casa...

GAROTA 2: E fica protegido o dia todo...

GAROTA 3: Ela permite que você veja apenas aquilo que lhe agrade...

GAROTA 1: Ela permite a você ouvir apenas aquilo que você quer...

GAROTA 2: Ela deixará que você sinta só o odor que lhe agrade...

GAROTA 3: Venham, senhoras e senhores, venham todos, venham ao Salão das Cercas e Muros! Os últimos modelos criados de bolhas farpadas corporais e mentais estão esperando por vocês...

(As três garotas saem, levadas pela esteira rolante.)

(A velocidade da esteira aumenta. Os migrantes devem fazer esforço ainda maior para andar na esteira. Pouco a pouco eles perdem "terreno" e a esteira os leva para fora do palco.)

(O Presidente volta pela esteira ajudado pelo Assessor.)

O PRESIDENTE *(de microfone na mão, e a voz que ecoa pelos alto-falantes):* Precisaremos também encontrar meios de lutar com mais eficácia contra as grandes organizações criminosas que se encontram por trás do tráfico de seres humanos.

O ASSESSOR: Sim...

O PRESIDENTE (*mais uma vez sua voz ecoa pelos alto-falantes*): Os chefes dessas redes mafiosas estão em Istambul, em Trípoli, até em Beirute, é preciso dizer.

O ASSESSOR: Sim...

O PRESIDENTE (*sempre no alto-falante*): Eles são nossos inimigos da mesma forma que os jihadistas do Estado Islâmico.

O ASSESSOR: Concordo.

O PRESIDENTE (*sempre no microfone, mas, de repente, é apenas sua voz que se ouve*): Era o que eu tinha a dizer. É a isso que chamo de discurso verdadeiro e urgente. Não é com um discurso politicamente correto que se vai conseguir agir. É preciso chamar as coisas pelo nome.

O ASSESSOR (*com a voz nos alto-falantes*): Não. Aconselho o senhor a cortar essa parte. E não tente sair do politicamente correto com esses dribles no politicamente correto.

O PRESIDENTE: O.K., Georges.

O ASSESSOR: O pensamento politicamente correto é a nossa melhor cerca, senhor presidente, contra o dever de agir.

O PRESIDENTE: O.K., Georges.

O ASSESSOR: Esse é o nosso sistema de arame farpado mental que nos permite dar lições sem sermos obrigados a encontrar soluções.

O PRESIDENTE: É verdade, Georges.

O ASSESSOR: Então, enquanto o senhor não tiver os meios para resolver os problemas deste mundo, continue sendo politicamente correto. Isso permite que o senhor não precise vê-los.

O PRESIDENTE: Sim, Georges... Concordo... Obrigado, Georges...

(A esteira leva os dois personagens. Pausa.)

(A esteira continua rolando. Depois de algum tempo, aparecem na esteira os brinquedos da "coleção" do agente funerário: bichinhos de pelúcia, bonecas, carrinhos, aviõezinhos... e até um carrinho de bombeiros. E até um gatinho vivo.)

FIM

/// CENA 1 ///

(Alternativa ou durante a cena 15.)

O Homem Sorridente, Chakira.

Em algum lugar do Sinai.

O HOMEM SORRIDENTE: Chakira... vem aqui...

CHAKIRA: Não!

O HOMEM SORRIDENTE: Chakira, não seja arredia... Você sabe que eu só quero o seu bem.

CHAKIRA: Eu não quero ir para Istambul...

O HOMEM SORRIDENTE: Chakira, vai ser bom para você lá em Istambul... Você tem mãos de ouro, você vai trabalhar numa casa de massagem. Você vai ganhar a vida, em seis meses vai poder pagar suas dívidas e ir para a Europa. Não foi assim que nós combinamos?

CHAKIRA: Não...

O HOMEM SORRIDENTE: Chakira, vem me dar um beijo...

CHAKIRA: Não. Vou te deixar agora mesmo.

O HOMEM SORRIDENTE: Você quer me abandonar agora mesmo?

CHAKIRA: Isso.

O HOMEM SORRIDENTE: Você vai me fazer muita falta, sabe?

CHAKIRA: Não tô nem aí.

O HOMEM SORRIDENTE: Vem, dá uma tragada no cigarro...

CHAKIRA: Por que você me vendeu?

O HOMEM SORRIDENTE: Eu não te vendi. Você é como minha filha, nunca vou vender você...

CHAKIRA: Então por que você diz que eu tenho que ir pra Istambul?

O HOMEM SORRIDENTE: Porque tenho uma dívida com aquele homem.

CHAKIRA: E você me vendeu pra pagar sua dívida?

O HOMEM SORRIDENTE: Eu não vendi você, só emprestei.

CHAKIRA: Você me emprestou?...

O HOMEM SORRIDENTE: É...

CHAKIRA: Por quanto tempo?

O HOMEM SORRIDENTE: Por seis meses...

CHAKIRA: Seis meses...

O HOMEM SORRIDENTE: É, Chakira. E depois você volta pra mim e eu mando você pra Alemanha.

CHAKIRA: Eu não quero e acabou. Você não vai me ver nunca mais.

O HOMEM SORRIDENTE: Ah, Chakira. Não me larga assim...

CHAKIRA: E é você que diz pra eu não te largar?

O HOMEM SORRIDENTE: Eu tenho uma dívida de honra. Não posso fazer outra coisa.

CHAKIRA (*com duas lágrimas no rosto*): Você tem uma dívida de honra... E eu é que tenho que pagar as suas dívidas de honra?

O HOMEM SORRIDENTE: Eu perdi você no pôquer... É sério. Não posso deixar de pagar. Aquele homem está esperando você lá embaixo. Você vai com ele e vai ficar boazinha. Senão quem vai pagar sou eu.

CHAKIRA: Não.

O HOMEM SORRIDENTE: Chakira, você não pode me abandonar assim...

CHAKIRA: Claro que posso.

O HOMEM SORRIDENTE: Não. Você vai me fazer sofrer. Você não vai querer isso, né? (*Chakira tenta sair.*) Chakira, Chakira, espera, tenho uma coisa pra você...

CHAKIRA: O que você disse?

O HOMEM SORRIDENTE: Pega essas fotos...

CHAKIRA: Que fotos?

O HOMEM SORRIDENTE: Veja... São fotos da sua família...

CHAKIRA: Mas... como você tem essas fotos?

O HOMEM SORRIDENTE: Não importa... Quis fazer uma surpresa pra você... Toma. Bonitinho o seu irmãozinho... Que idade ele tem?

CHAKIRA: Mas quem tirou essas fotos dele? Por que você está me mostrando isso?

O HOMEM SORRIDENTE: E a sua mãe... Ela é jovem ainda... Ela trabalha muito pelo que se vê... E o seu irmão e a sua irmãzinha ficam sozinhos o dia todo em casa... Toma, pega essa foto...

(Lágrimas escorrem no rosto de Chakira. O Homem Sorridente o enxuga, põe um cigarro entre os lábios de Chakira e acende.)

O HOMEM SORRIDENTE *(continuando)*: Isso vai te fazer bem, você vai ver... Que idade ela tem, a sua irmãzinha?

CHAKIRA: Ela tem quatro anos...

O HOMEM SORRIDENTE: Bonitinha... Ela parece quietinha... Olha essa, ela tá brincando sozinha... O seu irmão sai de vez em quando pra jogar bola na rua, mas ela fica brincando com as bonecas... Foi você que mandou essas bonecas pra ela, não foi?

CHAKIRA: Foi...

O HOMEM SORRIDENTE: Muito bem... Sabe, no ano que vem, na Alemanha, você vai pra universidade... vai poder continuar a estudar... Sua mãe vai ficar orgulhosa de você... *(O Homem Sorridente tira um celular do bolso e digita um número.)* Olha, você quer falar com ela? Ela já deve estar em casa a esta hora... Tá chamando... Pega, fala com ela.

CHAKIRA: Mamãe...

O HOMEM SORRIDENTE: Fala assim: “Eu estou bem mamãe, estou bem de saúde, estou indo trabalhar em Istambul, agora...”.

CHAKIRA: Estou bem mamãe, estou bem de saúde, estou indo trabalhar em Istambul, agora...

O Homem Sorridente *(cochichando no ouvido de Chakira)* – “Na semana que vem vou mandar dinheiro, não quero que falte nada pra você...”.

CHAKIRA: Na semana que vem vou mandar dinheiro, não quero que falte nada pra você...

O HOMEM SORRIDENTE: “Deixa eu falar um pouco com o meu irmão...”.

CHAKIRA: Deixa eu falar um pouco com o meu irmão...

O HOMEM SORRIDENTE: Viu como eu deixo você falar com eles? Diz pra ele tomar cuidado quando for jogar bola na rua, com todos aqueles caminhões que passam por lá...

/// CENA 2 ///

Aula de alemão num abrigo para refugiados sírios e iraquianos. O “professor” é provavelmente um voluntário, outro refugiado mais antigo que já conhece a língua alemã um pouco mais que seus alunos.

O Voluntário “trabalha” com uma foto de Angela Merkel, fotografada de pé. Ele traça uma seta na direção dos sapatos de Angela Merkel.

O VOLUNTÁRIO (pronuncia e escreve ao mesmo tempo a palavra na lousa): *Die Schuhe...*

OS ALUNOS (em coro): *Die Schuhe...*

O VOLUNTÁRIO (traça uma seta que aponta para a calça de Angela Merkel): *Die Hose...*

OS ALUNOS (em coro): *Die Hose...*

O VOLUNTÁRIO (traça uma seta na direção do casaco de Angela Merkel): *Der Sakko...*

OS ALUNOS (em coro): *Der Sakko...*

O VOLUNTÁRIO (traça várias setas que apontam para os botões do casaco de Angela Merkel): *Der Knopf ...*

OS ALUNOS (em coro): *Der Knopf...*

O VOLUNTÁRIO: *Drei Knöpfe... Ein, zwei, drei...*

OS ALUNOS: *Ein, zwei, drei...*

O VOLUNTÁRIO (traça duas setas para os bolsos do casaco de Angela Merkel): *Die Tasche...*

OS ALUNOS (em coro): *Die Tasche...*

O VOLUNTÁRIO: *Zwei taschen... Ein... Zwei...*

OS ALUNOS: *Zwei taschen... Ein... Zwei...*

O VOLUNTÁRIO (traça duas setas direcionadas para as orelhas de Angela Merkel): *Das Ohr...*

OS ALUNOS (em coro): *Das Ohr...*

O VOLUNTÁRIO: *Zwei Ohren...*

OS ALUNOS (em coro): *Zwei Ohren...*

O VOLUNTÁRIO: *Ein, zwei... O.K.? (traça duas setas que apontam para os olhos de Angela Merkel) – Das Auge... Ein Auge... Zwei Augen...*

(Os alunos repetem em coro e, claro, tomam notas.)

O VOLUNTÁRIO (traça uma seta em direção à boca de Angela Merkel): *Der Mund...*

OS ALUNOS (em coro): *Der Mund...*

O VOLUNTÁRIO (seta para o nariz de Angela Merkel): *Die Nase...*

OS ALUNOS (em coro): *Die Nase...*

O VOLUNTÁRIO (indica toda a cabeça de Angela Merkel): *Der Kopf...*

OS ALUNOS *(em coro): Der Kopf...*

O VOLUNTÁRIO *(desenha um grande coração no casaco de Angela Merkel): Das Herz... Angela Merkel hat ein gutes Herz... Angela Merkel hat ein großes Herz...*

(Os alunos aplaudem.)

/// CENA 3 ///

No escuro, um casal de migrantes, Abena e Nolan, de lanterna na mão. Eles andam na esteira rolante. Estão no túnel sob o Canal da Mancha entre a França e a Inglaterra.

ELA: Não aguento mais...

ELE: Vai, Abena, só mais um pouco.

ELA: Não... Preciso descansar...

ELE *(passando uma garrafa de água para ela):* Toma, bebe.

ELA: Não tem ar aqui...

ELE: É assim mesmo...

ELA: Tá muito quente. Estou sufocando...

ELE: Bom, vamos lá, não deve faltar muito.

(Eles são ultrapassados por um grupinho de três ou quatro pessoas.)

UM MIGRANTE QUE PASSA: Vamos, força... Não fiquem se arrastando...

(Nolan bebe também da garrafa. Abena senta no chão e se encosta na parede do túnel.)

ELE: Apaga a lanterna. Temos que economizar as pilhas.

(A jovem apaga sua lanterna. Ouve-se o eco de um trem que passa.)

ELA: O que é isso?

ELE: Não sei. Deve ser um trem.

ELA: Que horas são?

ELE: Quase quatro horas da manhã. Se a gente se apressar, vai dar pra ver o sol nascer já do outro lado...

(Ouvem-se alguns gritos, em seguida uma voz que diz algo em língua estrangeira; depois, ouvem-se passos. Outras lanternas se agitam ao longe. Silêncio.)

ELA: Diga, Nolan, você tem certeza que estamos indo na direção certa?

ELE: Claro!

ELA: Bom. Tudo bem. Mas eu já estou ficando sem força pra continuar.

ELE: Nós vamos conseguir, Abena, vamos conseguir.

(Ruídos de gente correndo. Alguém ri ao lado do casal que já recomeçou a andar.)

O HOMEM SORRIDENTE: Olhe, vou dar um conselho a vocês. É melhor vocês se esconderem um pouco.

ELE: Quem é o senhor? Onde o senhor estava?

(O Homem Sorridente acende uma lanterna e ilumina uma espécie de banca portátil que exhibe produtos de todo tipo: latas de Coca-Cola, frutas secas, pacotes de biscoitos, maços de cigarros, pilhas, celulares, etc.)

O HOMEM SORRIDENTE: Estou aqui, não tenham medo... Estão ouvindo esses barulhos? Deve ser uma patrulha de vigilância. É a ronda da madrugada. É melhor vocês se esconderem por enquanto.

ELE: Mas o que o senhor faz aqui?

O HOMEM SORRIDENTE: Ah! Você não está vendo? Estou aqui para prestar serviço a vocês. Tenho Coca-Cola gelada, vocês querem? Tenho pilhas também, se as lanternas precisarem... Venham ver a barraca do Koffi. O melhor minimercado do túnel... ha, ha, ha...

ELA: Eu quero uma Coca gelada...

O HOMEM SORRIDENTE: Toma, minha jovem... 3 euros... E se você estiver com calor, eu vendo também vaporizadores... Veja isso... É superleve e recarregável...

ELE: Bom... Obrigado... Mas primeiro queremos ver o fim do túnel, e depois...

O HOMEM SORRIDENTE: Relaxa... vai... Se você quiser tenho também uma cervejinha pra você desestressar... Vocês já estão na Inglaterra, meus filhos.

ELA: Verdade?

ELE: Como assim?

O HOMEM SORRIDENTE: Aqui, eu garanto, se por acaso vocês são pegos, vocês têm direito de dizer: “Desculpem, mas nós queremos sair do túnel pelo lado inglês, a fronteira entre a França e a Inglaterra já está lá atrás, em Calais”.

ELE: Aaah... tem certeza?

O HOMEM SORRIDENTE: He, he, he... Koffi nunca mente. Todo mundo me conhece aqui... Também vendo sacos de dormir, caso vocês queiram passar a noite embaixo do mar... Pensem bem, é uma oportunidade única... Passar uma noite embaixo do Canal da Mancha, bem na metade do caminho entre a França e a Inglaterra, com todo esse mar gigantesco em cima de vocês... É incrível, não? Vocês nunca mais vão ter outra oportunidade como essa... Façam uma loucura uma vez antes de começar sua vida certinha na Inglaterra... He, he, he...

(Um grito ao longe. Passos precipitados se aproximam. Chega uma mulher com roupa extravagante que poderia sugerir o “ofício” de prostituta, mas talvez, também, o de vidente.)

A EXTRAVAGANTE: Oi, Koffi. Você tem fogo?

O HOMEM SORRIDENTE: Siiiiim... *(Ele acende o cigarro dela.)* – Vem aqui que eu quero te apresentar meus

amigos. Eles vão passar a noite sob o lindo mar...
He, he, he...

ELE: Não...

ELA: Mas por que não?

ELE: Abena, vamos, levanta, vamos embora, isso aqui tá ficando muito louco...

O HOMEM SORRIDENTE: Não vão embora, ela é a nossa vidente... Ela vai dizer tudo sobre o futuro de vocês, se quiserem... He, he, he...

A EXTRAVAGANTE: De qualquer jeito, vocês já estão na direção errada...

ELE: O quê?

A EXTRAVAGANTE: Bom, sinto muito, mas a Inglaterra é por ali...

ELE: Por onde?

A EXTRAVAGANTE: Bom, ela está justamente atrás de vocês... é na outra direção...

ELE: Mas isso não é possível...

O HOMEM SORRIDENTE: Cala a boca, sua peste. Não vai decepcioná-los... Eles já andaram tanto...

A EXTRAVAGANTE: Bom, eu não estou aqui pra decepcionar ninguém. Não tô nem aí... Vou dormir. Já tô cheia... *(No ouvido do jovem migrante.)* O fim do túnel, cara, tá em cima da tua cabeça...

(A Extravagante vai embora.)

O HOMEM SORRIDENTE: Não deem atenção a ela. Ela é assim mesmo.

ELA: Mas... onde ela vai dormir?

O HOMEM SORRIDENTE: Ela tem uma tendinha... ali... na sala dela de vidente... Já formamos uma boa cidade aqui... temos um restaurante, um salão de beleza, uma mercearia, uma padaria, uma agência de câmbio, um posto de saúde, uma creche... e até um bordel... He, he...

ELA: Mas que lugar é este, Nolan? Quero ir embora daqui agora mesmo... Por que não se vê o fim do túnel? Quem são essas pessoas?

(O grupo que os ultrapassou alguns minutos antes volta agora pelo mesmo caminho.)

MIGRANTE (andando): Vamos lá, força... Não se arrastem assim. É do outro lado...

ELE: Acho que eu estou sonhando... Não pode ser verdade...

Faz duas horas que estamos andando nesse túnel... Já fizemos quarenta quilômetros a pé... Não pode ter sido à toa... Ei, Koffi, que bagunça é essa?

O HOMEM SORRIDENTE: Não se preocupem. Vocês são jovens... E nisso vocês podem dizer que vocês dois têm mesmo muita sorte. Porque, vejam só, tenho também óculos de sol para vender...

ELE: Vocês estão todos loucos, loucos, loucos... O que é que você quer que eu faça neste túnel com esses seus óculos escuros?

O HOMEM SORRIDENTE: Calma, calma. Seria bom você experimentar. Comprando dois eu dou desconto. Na saída do túnel você pode precisar... Quando você atravessar a porta para o seu querido eldorado, vai ser melhor você ter uns óculos escuros em cima do nariz, senão a luz vai te ofuscar a vista... He, he...

(Abena começa a vomitar.)

ELE: O que você tem, Abena?

ELA: Não sei... Essa Coca-Cola tá com um gosto estranho...

(Barulho infernal de um trem que passa.)

O HOMEM SORRIDENTE: Isso é o primeiro do dia. Isso significa que o sol começou a nascer...

(Vários migrantes, munidos também de lanterna, se aproximam rindo e começam a fuçar na banquinha do Homem Sorridente. Um deles se aproxima do casal e fala com eles baixinho.)

O TRAFICANTE DE GENTE: Por 16 mil euros eu passo vocês para o outro lado sem problemas. Os dois. Num barco de pescadores. O embarque é bem perto da fronteira com a Bélgica. Posso agendar isso para daqui a três semanas. Sem risco. Faço a inscrição de vocês, dou um número de senha... Não sou coíote, eu represento uma agência que garante a transação. Você faz um depósito para nós, em dinheiro, e o coíote que levará

vocês vai receber o dinheiro só quando vocês chegarem do outro lado. Não sou coíote. Sou um profissional. Tem muitos migrantes que já foram enganados. Nós propomos uma coisa limpa...

(Um dos migrantes acha na banca um instrumento musical africano (uma kalimba) e começa a tocar. A prostituta-vidente (a Extravagante) volta cantando e começa a distribuir filipetas (ela pode passar também entre os espectadores).)

A EXTRAVAGANTE: Mestre Mafara: professor, médium, e grande guru... Hoje, conferência sobre a autocura, a força da alma e o amor compartilhado. Ele auxilia as pessoas a passar pelas provações. Pagamento só depois dos resultados... Não andem em círculos... Busquem conselho para sair do túnel...

(Cada vez mais, lanternas vão acendendo, e a impressão é de que o túnel fervilha de vida, que é habitado por pessoas que estão acordando e começando a escovar os dentes, a preparar o café... a cada dois minutos passa um trem com um barulho infernal.)

UMA GAROTA COM UMA BANDEJA: Café! Quem quer café? Café!

(Ouvem-se pessoas que estão comendo, bebendo, urinando, dando descarga, chamando umas às outras, etc.)

UM RAPAZ: O *Jornal da Selva*... Edição da manhã... Compre o *Jornal da Selva*...

O Traficante de Gente *(fala com o casal enquanto experimenta óculos escuros)* – E então? Pensaram bem? Tomem um café. Eu que ofereço...

ELE: Não temos esse dinheiro...

O TRAFICANTE DE GENTE *(que compra um vaporizador e o oferece a Abena):* Não tem problema, podemos encontrar outras soluções... *(Tira uma foto de Abena.)* Como você se chama?

O HOMEM SORRIDENTE: Ei, ei, ei *(gritando)*. Chegou pão quentinho. Venham. Pão quente!

(Os ruídos daquela espécie de cidade subterrânea ficam cada vez mais altos. Ouvem-se vozes, música, trens, gritos dos vendedores... Bruscamente, Nolan tapa os ouvidos e começa a gritar.)

ELE: Chega! Chega! Chega!

(Seus gritos parecem ter impacto inesperado sobre a "cidade subterrânea". As lanternas se apagam, o barulho cessa e as vozes se calam.)

(Silêncio profundo entrecortado apenas pelas ondas do mar que quebram na praia (ouvidas pela primeira vez.)

(Até mesmo o Homem Sorridente desapareceu. Nolan ilumina com sua lanterna o rosto de sua mulher. Ela se munuiu nesse meio-tempo de um par de óculos escuros.)

ELE: Abena... Tira isso... Você não precisa acreditar em tudo que dizem...

ELA: Me deixa tranquila, Nolan... E me deixa sonhar, posso?

/// CENA 4 ///

Sugestão de um trabalho de vídeo em torno desta cena: filmar a "transformação" de um prado depois de ter sido atravessado por uma, cinco, dez, cinquenta, cem, duzentas, quatrocentas, mil, duas mil, dez mil pessoas... As pessoas são invisíveis, os rastros de seus passos é que são importantes.

Retomar o mesmo cenário com um campo coberto de neve, um gramado, um atalho de folhas-secas, etc.

MIGRANTE 1: Eu venho do Paquistão. E tenho uma dúvida.

MIGRANTE 2: Eu venho do Sri Lanka. E tenho uma dúvida.

MIGRANTE 3: Eu venho do Afeganistão. E tenho uma dúvida.

MIGRANTE 4: Eu venho da Eritreia. E tenho uma dúvida.

MIGRANTE 5: Eu venho do Iraque...

MIGRANTE 6: Eu venho da Síria...

MIGRANTE 7: Eu venho da Somália...

MIGRANTE 5: E todos nós temos uma dúvida.

MIGRANTE 8: Eu venho do Haiti...

MIGRANTE 9: Eu venho da Argélia...

MIGRANTE 10: Eu venho da Líbia...

MIGRANTE 6: E temos todos uma dúvida...

MIGRANTE 11: Eu venho do Congo...

MIGRANTE 12: Eu venho do Sudão...

MIGRANTE 7: E temos todos uma dúvida...

MIGRANTE 1: É que...

MIGRANTE 2: É que...

MIGRANTE 3: É que não temos certeza...

MIGRANTE 4: Não temos certeza nenhuma...

MIGRANTE 5: Mas nenhuma, nenhuma, nenhuma...

MIGRANTE 6: Não temos certeza de ter uma segunda vida depois da morte, que exista vida depois da morte...

MIGRANTE 1: De verdade, de verdade, não temos nenhuma certeza disso.

MIGRANTE 2: E é por isso que queremos mais é viver plenamente esta aqui...

MIGRANTE 3: Ou pelo menos tentar aproveitar um pouco...

MIGRANTE 4: E é por isso que viemos pra cá, pra terra de vocês...

MIGRANTE 5: E é por isso que vamos continuar a vir pra cá...

MIGRANTE 7: Por causa dessa dúvida... de ordem filosófica, entendem?...

MIGRANTE 13: Eu venho do Mali... justamente por causa dessa dúvida...

MIGRANTE 14: E eu venho do Irã...

MIGRANTE 15: E eu venho do Curdistão turco...

MIGRANTE 1: Pronto. Agora vocês sabem...

MIGRANTE 2: Vamos continuar vindo pra cá...

MIGRANTE 3: ...por causa dessa dúvida...

MIGRANTE 4: Somos trazidos por uma força maior que nós...

MIGRANTE 5: Verdade. Não queremos incomodar vocês. Mas isso é mais forte que nós.

MIGRANTE 6: Vamos continuar morrendo pelo caminho... Vamos nos afogar atravessando o mar...

MIGRANTE 7: Mas vamos continuar a vir pra cá.

MIGRANTE 1: Então, não tenham medo...

MIGRANTE 2: Não somos fanáticos... A dúvida é puramente filosófica...

MIGRANTE 3: Se a gente tivesse certeza que depois da morte existe o paraíso...

MIGRANTE 4: A gente ficava no país da gente...

MIGRANTE 5: Mas a dúvida nos corrói...

MIGRANTE 6: Então, é isso, estamos aqui...

MIGRANTE 7: Nós vemos na televisão que nada falta pra vocês aqui...

MIGRANTE 8: ...enquanto em nossos países existe fome...

MIGRANTE 9: Vimos na televisão que aqui todo dia é dia de festa...

MIGRANTE 10: ...enquanto em nossos países o que tem todo dia é guerra...

MIGRANTE 11: Sabemos que aqui as cidades ficam vazias no verão porque todos vão para a praia ao mesmo tempo, de férias...

MIGRANTE 1: E pensamos: olha, bem que a gente podia experimentar fazer isso também...

MIGRANTE 2: Então, realmente, não é por maldade que estamos vindo pro seu país...

MIGRANTE 3: É que nós também queremos nos globalizar...

MIGRANTE 4: ...nos ocidentalizar...

MIGRANTE 5: ...nos urbanizar...

MIGRANTE 6: ... nos modernizar... nos democratizar... nos liberalizar... nos abrir... nos emancipar... nos descomplexizar... nos civilizar... nos politizar... nos integrar... nos responsabilizar... nos profissionalizar... nos informatizar... nos privatizar... nos reciclar profissionalmente... nos endividar nos bancos... nos socializar... nos beneficiar das formações continuadas... nos tornar “bancáveis”... nos

sindicalizar... nos candidatar... votar... contestar... ter um cachorrinho...

MIGRANTE 7: Trabalhar oito horas por dia...

MIGRANTE 1: E depois voltar pra casa...

MIGRANTE 2: abrir a geladeira, jantar em família, assistir à Thalassa...¹

MIGRANTE 3: E não são esses seus arames farpados que vão nos impedir...

MIGRANTE 4: De jeito nenhum...

MIGRANTE 5: Somos dezenas de milhões vindo pra sua mesa...

MIGRANTE 6: Então, por favor, parem de nos cercar de arame farpado na porta da cozinha...

MIGRANTE 7: Na porta da sala de jantar...

MIGRANTE 1: Na porta do banheiro...

MIGRANTE 2: Queremos nós também poder tomar nosso banho...

MIGRANTE 3: Porque estamos sujos... Cheiramos mal... Temos bolhas nos pés...

MIGRANTE 4: Francamente, cercar a geladeira com arame farpado não é nada digno...

¹ Documentário seriado francês que tem como tema o mar.

MIGRANTE 5: Vejam uma coisa: coloquem-se no nosso lugar...

MIGRANTE 6: Quando um país morre, não há mais nada a fazer.

MIGRANTE 7: Tem que deixá-lo morrer. Tem até que ajudá-lo a morrer.

MIGRANTE 1: É por isso que estamos saindo dos nossos países.

MIGRANTE 2: Porque os países, como se sabe, têm sempre uma segunda vida depois da morte.

MIGRANTE 3: Só para as pessoas não há futuro depois da morte.

MIGRANTE 4: Mas com os países, é diferente. Logo que um país morre, ele pode ser posto à venda. Dá para cortá-lo em pedaços e leiloar.

MIGRANTE 5: Vocês mesmos vão poder comprar pedacinhos de países...

MIGRANTE 6: Minas, terras cultiváveis, praias, florestas, campos petrolíferos... Os países funcionam assim... Depois que morrem, tem o comércio. Já a vida humana, depois que ela termina o que existe é uma tumba, e olhe lá... nem sempre...

MIGRANTE 7: É por isso que não nos preocupamos com o futuro dos nossos países...

MIGRANTE 1: Como os países sempre têm outra vida depois de mortos, é por isso também que não queremos dar nossa vida para o nosso país...

MIGRANTE 2: Preferimos esperar...

MIGRANTE 3: Aqui, com vocês... Mesmo diante dessas cercas de arame farpado...

MIGRANTE 4: De qualquer forma, estamos procurando trabalho, portanto nós mesmos poderíamos trabalhar na colocação dessas suas cercas...

MIGRANTE 5: Já faz muito tempo que os nossos pais varrem suas ruas, limpam seus banheiros, recolhem seu lixo, passeiam com seus cães, cuidam de seus filhos...

MIGRANTE 6: Então, para nós, cuidar de suas cercas farpadas, lustrá-las, calafetar os buracos é um trabalho como outro qualquer...

MIGRANTE 7: Verdade, verdade, verdade... Não precisam ter medo de nós... Estamos prontos para aprender a nos comportar à mesa.

MIGRANTE 1: Aprender a usar direito a faca e o garfo, a limpar a boca antes de tomar um gole de vinho.

MIGRANTE 2: E depois vamos aprender também a sua língua.

MIGRANTE 3: Aliás, todos já falamos um pouco de inglês.

MIGRANTE 4: “*We are the future.*” “*Yes we can.*” “*Don’t be afraid.*” “*We want to be free.*”

MIGRANTE 5: Vamos aprender francês, alemão, sueco, dinamarquês, finlandês, grego, húngaro, romeno...

MIGRANTE 6: E vamos nos tornar cingalo-franceses, afgão-alemães, paquistanos-suecos, sírio-dinamarqueses,

iraco-holandeses, somalo-belgas, sudano-húngaros, irano-austríacos, eritreu-gregos, argelo-romenos...

MIGRANTE 7: Mas nossos filhos, eles já serão franco-cingaleses, germano-afegãos, suco-paquistaneses, dinamarco-sírios, neerlandando-iraquianos, belgo-somalís, magiar-sudaneses, austro-iranianos, greco-eritreus, romeno-argelinos...

MIGRANTE 1: E não receiem que a morte de nossos países empobreça a diversidade cultural do mundo...

MIGRANTE 2: Tudo o que há de melhor em nossos países nós trouxemos conosco.

MIGRANTE 3: E prometemos a vocês que vamos transmitir tudo isso aos nossos filhos.

MIGRANTE 4: Nada será perdido, nem nossas tradições, nem nossa religião, nem nossa cultura.

MIGRANTE 5: Prometemos. Vamos fazer tudo para que o mundo continue a ser pluricultural.

MIGRANTE 6: O que propomos, entendam, é uma revolução...

MIGRANTE 7: Não se assustem, vocês já passaram por outras...

MIGRANTE 1: Mas esta aqui, é outra coisa, é verdade...

MIGRANTE 2: À sua moda, vocês já deram muito para a humanidade...

MIGRANTE 3: A colonização, a descolonização, a democracia, a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra

Mundial, o comunismo, o nazismo, o liberalismo, o ultraliberalismo, a financeirização da economia, a globalização, a revolução informática, a espetacularização da informação, a facebookização da comunicação, a googlelização do saber, a microsoftização do ser humano...

MIGRANTE 4: Agora, é a nossa vez de propor a vocês uma revolução tranquila...

MIGRANTE 5: Pacífica...

MIGRANTE 6: Lenta...

MIGRANTE 7: Não temos pressa...

MIGRANTE 1: Ela vai durar um século inteiro...

MIGRANTE 2: ...A retirada do arame farpado do mundo graças à migração...

MIGRANTE 3: Vocês vão ver e vão entender...

MIGRANTE 4: Porque um dia vocês mesmos também vão se tornar migrantes...

MIGRANTE 5: Verdade. É hora de fundar um novo humanismo...

MIGRANTE 6: O humanismo migratório...

MIGRANTE 7: Nós nunca vamos fazer a vocês as perguntas tolas quase sempre formuladas pelas ideologias de vocês...

MIGRANTE 1: ...do tipo “Vocês são a favor ou contra nós?”.

MIGRANTE 2: Porque tanto nós quanto vocês estamos no mesmo barco...

MIGRANTE 3: E devemos navegar todos no mesmo mar de nossas diferenças, nossos ódios, nossas contradições e nossos dilemas...

MIGRANTE 4: E não é normal instalar cercas de arame farpado num barco...

MIGRANTE 5: Vamos nos desaramizar, caros amigos!

MIGRANTE 6: Vai ter muitos vagalhões durante a nossa viagem...

MIGRANTE 7: Mas ao menos temos certeza de que no alto das ondas não se pode plantar cercas...

/// CENA 5 ///

O Presidente e três *experts*.

O PRESIDENTE: Pode falar, Georges.

EXPERT 1: Acho que dá para aguentar ainda uns quatro ou cinco anos.

O PRESIDENTE: Que quer dizer isso?

EXPERT 1: Falo do ritmo atual de 1 milhão de migrantes por ano.

O PRESIDENTE: E depois?

EXPERT 1: Depois, adeus democracia.

O PRESIDENTE: Por quê?

EXPERT 1: Porque a extrema direita vai ganhar em toda parte e em todas as eleições.

O PRESIDENTE: De onde você tirou isso?

EXPERT 1: Das pesquisas de opinião e das simulações de candidaturas.

(Pausa.)

O PRESIDENTE: O que você acha, Serge?

EXPERT 2: Não vamos conseguir detê-los, mas podemos segurar um pouco.

O PRESIDENTE: Como?

EXPERT 2: Através da imprensa. Temos que privilegiar as imagens negativas.

O PRESIDENTE: O que quer dizer isso?

EXPERT 2: Publicar intensamente imagens com fronteiras fechadas, cercas de arame farpado, agressões contra os migrantes, abrigos de refugiados totalmente precários. É preciso fazer muitas reportagens com migrantes querendo entrar, divulgar depoimentos com migrantes enojados da Europa e totalmente decepcionados... Se nos lançarmos desde já, teremos os primeiros efeitos benéficos dentro de seis meses. Toda a mídia deverá falar de nossa administração infernal e dar bastante espaço às agressões contra os migrantes.

As imagens deverão ser exibidas sem parar: incêndios dos abrigos de migrantes, slogans e grafites anti-migrantes, manifestações anti-imigração... É preciso também filmar e passar repetidamente as reconduções à fronteira e as expulsões. E em caso de delito grave cometido por um migrante, os processos devem ser transmitidos ao vivo, principalmente os julgamentos de crimes de violação e agressões sexuais. Isso terá efeito rápido. Segundo nossas simulações, se começarmos imediatamente, o fluxo de migrantes vai recuar pela metade no ano que vem.

O PRESIDENTE: E como fazer isso, Serge? A imprensa é livre. Não podemos impor nada.

EXPERT 2: A imprensa é livre, mas é regida pelo espírito de rebanho. Basta dar o tom...

O PRESIDENTE: E é possível dar o tom numa democracia?

EXPERT 1: Nós somos uma democracia assustada, senhor presidente...

(Pausa.)

O PRESIDENTE: Fala, Michèle.

EXPERT 3: Nessa linha atual, o senhor não tem nenhuma chance, senhor presidente.

O PRESIDENTE: Explique.

EXPERT 3: Isso significa que o senhor perde em todos os casos na simulação.

O PRESIDENTE: E quem aparece vencendo?

EXPERT 3: O partido anti-imigração.

O PRESIDENTE: O partido dos assustados?

EXPERT 3: Sim.

O PRESIDENTE: Mesmo se a economia se aquecer?

EXPERT 3: O desafio não é mais econômico, mas sim identitário. Testamos o argumento “migrantes: fonte do futuro milagre econômico”. Não suscitou nenhum entusiasmo, ao contrário, ampliou a desconfiança. Também não funciona mais a ideia de uma reviravolta democrática nos países de origem, a longo prazo. Já temos 20 mil jovens provindos da imigração, nascidos na Europa, que foram participar do jihad. Ninguém acredita que os filhos dos que chegarem agora voltem para o país de seus pais e promovam a democracia.

O PRESIDENTE: Então minha única chance é jogar com a carta da imigração zero. Veja que eu não sou tão bobo assim, Michèle!

EXPERT 3: Sim. A única chance do senhor é partir para a tolerância zero para a imigração clandestina e uma parada total da imigração legal durante cinco anos.

O PRESIDENTE: É muita coisa, vocês não acham?

EXPERT 3: É muita coisa, mas é factível. Testamos essa hipótese de ação numa pequena pesquisa.

O PRESIDENTE: E isso pode funcionar?

EXPERT 3: Parece que aceitaram muito bem a ideia.

/// CENA 6 ///

Na praia, antes do nascer do sol. O Pescador e um rapaz. Os dois de lanterna na mão. O rapaz sobe no barquinho de pesca do Pescador. Traz seu saco de dormir e uma grande pedra.

O PESCADOR: Precisa de mais uma...

O RAPAZ: Mais uma... O quê?

O PESCADOR: Mais uma pedra.

O RAPAZ: Mas... acho que esta já chega. Ela é bem pesada. Tente levantá-la se você quiser...

O PESCADOR: Você precisa de mais uma pedra pra sua mochila.

O RAPAZ: Ah, é?

O PESCADOR: É, porque se você tem que desaparecer, a sua mochila tem que desaparecer também... *(Pausa. O rapaz coça a cabeça.)* Mas você é quem sabe. Enquanto eu não ligar o motor você ainda pode mudar de ideia.

O RAPAZ: Eu não vou mudar de ideia.

O PESCADOR: Mas você é muito jovem. Pode esperar ainda...

O RAPAZ: Não quero esperar mais.

O PESCADOR: Talvez apareça outra oportunidade... as coisas podem mudar...

O RAPAZ: Não. As coisas não vão mudar nunca.

O PESCADOR: Bom, como quiser. Mas meu conselho é esperar mais um pouco...

(O Rapaz traz uma segunda pedra.)

O RAPAZ: Pronto. Estou pronto.

O PESCADOR: Você trouxe a corda também?

O RAPAZ *(tirando da mochila uma longa corda):* Trouxe... *(O Pescador verifica a resistência da corda.)* É de boa qualidade. Não é agora que vou fazer economia, não é?

O PESCADOR: Bom, então amarre bem a sua mochila na pedra.

(O Rapaz ata sua mochila à segunda pedra.)

O RAPAZ: Pronto, chefe. Quer verificar?

O PESCADOR: Não. Está bom assim. Sente aí agora.

O RAPAZ: Queria fumar mais um cigarro.

O PESCADOR: Fuma aí, você ainda tem bastante tempo.

(O Pescador amarra os pés do Rapaz e depois amarra a pedra a eles.)

O RAPAZ: O que você está achando?

O PESCADOR: Não acho nada, meu caro. Você é que deve achar se esta é a sua noite de sorte ou não. Para mim será uma madrugada como todas as outras.

O RAPAZ: De qualquer modo, obrigado.

O PESCADOR: Não precisa me agradecer. Você vai poder agradecer é se a gente não cruzar com a polícia marítima. Está bem agora? Já terminou?

(O Rapaz joga fora a bituca. Tira um maço de notas e entrega ao Pescador. Ele as esconde num bolso interno.)

O RAPAZ: Não vai contar?

O PESCADOR: Está certo assim. Mais tarde eu conto.

O RAPAZ: Você anotou direito o endereço da minha mãe?

O PESCADOR: Anotei...

O RAPAZ: E você me promete, me promete mesmo que se por acaso... isso não der certo, você manda esse dinheiro para minha mãe?

O PESCADOR: Prometo...

O RAPAZ: Nunca enganei nem nunca menti para ninguém, meu filho.

(O Rapaz vira de costas para que o Pescador lhe amare as mãos.)

O RAPAZ: Tá muito apertado.

O PESCADOR: Mas tem que ser assim. Você vai aguentar, se tudo der certo.

(O Rapaz senta com as costas contra a parede do barco. O Pescador pega um cachecol.)

O RAPAZ: Você não pode me deixar sem isso?

O PESCADOR: Não, meu rapaz. Vamos fazer como combinamos.

O RAPAZ: Eu juro, chefe, que, se por acaso a polícia marítima chegar e você tiver que me atirar no mar, eu não vou gritar.

O PESCADOR: Não, meu filho. Não dá para acreditar nisso. Vamos fazer como combinamos, senão... Mas eu repito, enquanto você não estiver amordaçado, você pode mudar de ideia.

O RAPAZ: O.K., vá em frente... Mas eu quero pedir mais uma coisa pra você. Se for o caso... Se por acaso a gente cruzar com a patrulha marítima e eles vierem abordar... Se for o fim pra mim... Não mande o dinheiro imediatamente... Mande em duas vezes, um ou dois meses depois...

O PESCADOR: Por quê?

O RAPAZ: E assine com o meu nome, como se fosse eu que estivesse mandando o dinheiro...

O PESCADOR: Por quê?

O RAPAZ: É melhor assim... É melhor que ela acredite que sou eu que estou mandando...

O PESCADOR: Eu disse pra você, meu filho, eu respeito a minha palavra. Se isso não der certo, o dinheiro vai voltar pra sua família. E se você quer que eu envie em duas vezes...

O RAPAZ: Até em três. Vai ser mais convincente...

O PESCADOR: Posso mandar em três vezes, se você acha que é melhor...

O RAPAZ: Prometido?

O PESCADOR: Prometido.

O RAPAZ: Bom. Então, que Deus nos proteja.

O PESCADOR: Que Deus nos proteja, meu filho. (O Pescador amordaça o Rapaz.) Bom, escute bem. Agora eu vou fazer uma coisa que eu não disse... Vou vendiar seus olhos. E vou vendiar simplesmente porque não quero ver os seus olhos se por acaso a gente cruzar com a polícia marítima e eu tiver que jogar você no mar. Não vai adiantar nada deixar você ver o que poderia acontecer. Os olhos dizem muito nos momentos difíceis. E eu não quero ter nada a ver com os seus olhos. Não quero que seus olhos me peçam piedade se por acaso formos abordados. Já disse e repito: com essa gente a política é tolerância zero para os migrantes. Não querem saber de nenhum por aqui. E se eles encontrarem nós dois neste barco, e se eu tiver pena de você, eles vão executar eu e você na hora. Então, tá entendendo... Os seus olhos me dão medo porque eu posso correr o risco de ter pena de você. É por isso que prefiro cobrir os seus olhos. Mas vou te perguntar de verdade, de verdade mesmo e pela última vez... Você quer mesmo tentar esse negócio? Vou te dar mais um minuto pra pensar. (Com ternura, com as duas mãos, ele faz o Rapaz fechar os olhos.) Fique assim. De olhos fechados. Vou te dar um minuto... E se de repente, agora, você abrir os olhos, eu te desamarro e você desiste e vai embora... O.K.? (Uma senhora vestida de preto – talvez a mãe do rapaz – aparece com uma ampulheta. Ela olha a ampulheta enquanto decorrem aqueles

sessenta segundos.) Bom, meu filho, vamos lá. O sol vai nascer dentro de uma hora. O mar ferve de peixes. Tente a sua sorte.

(O Pescador venda os olhos do Rapaz, liga o motor do barco. O barco se afasta, o ruído do motor se torna cada vez menos audível.)

(Aumenta a intensidade do barulho do mar, o ruído das ondas que quebram na praia.)

(A senhora vira novamente a ampulheta e a abandona diante dos espectadores. Sai de cena.)

(A luz diminui. Os espectadores ficam no escuro com o ruído das ondas do mar.)